



SUBJETIVA

CIDADE

CIDADE

SUBJETIVA



MARIA CRISTINA KREUTZ NASCIMENTO

ORIENTADOR: **RODRIGO GONÇALVES**

COORIENTADORA: **KARINE DAUFENBACH**

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA

ARQUITETURA E URBANISMO

TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO 2017.2

RESUMO

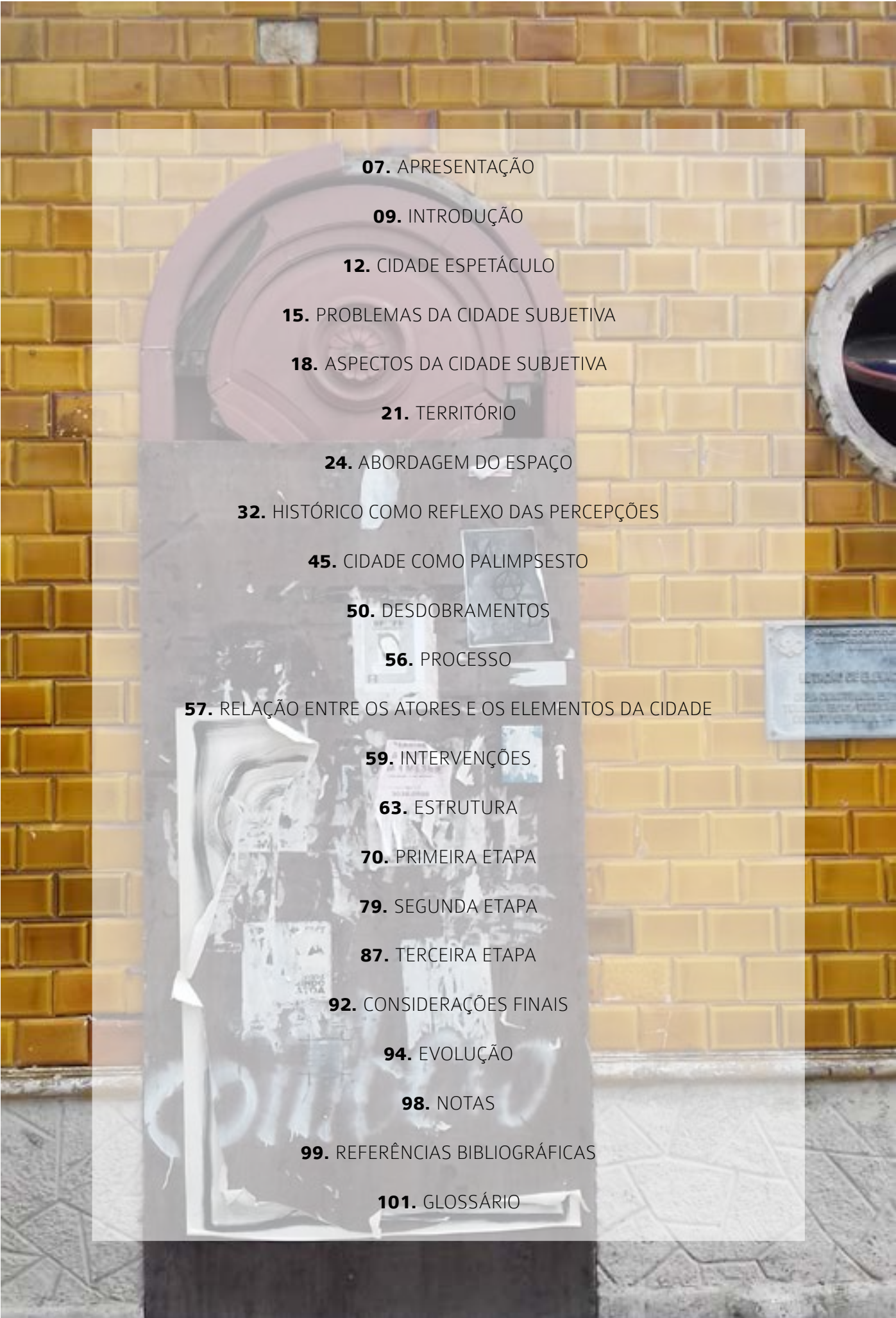
Este trabalho propõe-se investigar a retomada da experiência subjetiva na cidade, como uma forma de reverter a espetacularização dos centros históricos, a partir de intervenções urbanas que estimulem o olhar e o pensamento crítico. Tomo como estudo de caso o bairro da Pedreira, porção do núcleo histórico localizada a leste da Praça XV, na cidade de Florianópolis.

Tais intervenções pretendem modificar a percepção dos habitantes da cidade em relação aos locais que convivem diariamente, como forma de resgatá-los do automatismo e da velocidade que a cidade contemporânea impõe. Minha proposta é que o corpo que vivencie as intervenções, consiga durante a experiência, atualizar uma memória quase que inconsciente, uma subjetividade.

O ponto de partida para a concepção das intervenções, foram as minhas experiências objetivas e subjetivas pela Pedreira, principalmente aquelas vivenciadas durante a construção desse trabalho, assim como, minhas motivações e inquietações. As intervenções se dividem em duas instalações temporárias e uma permanente, que constituem um processo de transformação da cidade e dos corpos que nela habitam.

A primeira e a segunda etapa, começam com as intervenções temporárias, que são os elementos propulsores da transformação, elas têm por objetivo mobilizar os habitantes a fazer parte desse processo. Já a terceira etapa, fica de forma permanente no bairro, dando suporte a comunidade e também se destacando como uma marca física desse acontecimento. Espera-se, portanto, que as experiências subjetivas, causadas pelas intervenções, transformem o modo como vemos o espaço e que continuem acontecendo diariamente ao se viver a cidade.

Palavras chaves: Subjetividade; espetacularização; intervenção-urbana.



07. APRESENTAÇÃO

09. INTRODUÇÃO

12. CIDADE ESPETÁCULO

15. PROBLEMAS DA CIDADE SUBJETIVA

18. ASPECTOS DA CIDADE SUBJETIVA

21. TERRITÓRIO

24. ABORDAGEM DO ESPAÇO

32. HISTÓRICO COMO REFLEXO DAS PERCEPÇÕES

45. CIDADE COMO PALIMPSESTO

50. DESDOBRAMENTOS

56. PROCESSO

57. RELAÇÃO ENTRE OS ATORES E OS ELEMENTOS DA CIDADE

59. INTERVENÇÕES

63. ESTRUTURA

70. PRIMEIRA ETAPA

79. SEGUNDA ETAPA

87. TERCEIRA ETAPA

92. CONSIDERAÇÕES FINAIS

94. EVOLUÇÃO

98. NOTAS

99. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

101. GLOSSÁRIO

APRESENTAÇÃO

Duas questões me motivaram a começar esse trabalho, a notável falta de atenção para a arquitetura e para a cidade por parte de seus habitantes, e também, as grandes intervenções urbanas, que atuam na cidade apagando suas histórias e memórias.

Durante a graduação, desenvolvi a ideia de que os espaços são um meio de comunicação e, que a partir da vivência, da experiência do nosso corpo pelo espaço, conseguimos compreender sua intenção. Aprendi que esses espaços, quando nos tocam ou mexem com algum dos nossos sentidos, se tornam lugares, ganham vida e tomam corpo. Da mesma forma, as cidades podem nos estimular e estabelecer uma forma de identificação, essas cidades são chamadas no trabalho de cidades-subjetivas.

A segunda questão que iniciou essa pesquisa é a substituição desses lugares significativos, repletos de memórias e singularidades, por espaços homogêneos, os quais são frutos de grandes intervenções urbanas, transformando as cidades em cenografias, em imagens, essas cidades são chamadas por mim de cidade-espetáculo.

Vale destacar, que em Florianópolis, é possível nos depararmos tanto com a cidade subjetiva, que nos estimula de diversos modos, quanto com a cidade espetáculo, pois como a grande maioria das cidades, já teve intervenções dessa magnitude.

Assim, para decidir a área de atuação do trabalho, pensei nas minhas vivências e experiências pela cidade de Florianópolis e, foi na área da Pedreira, região do centro histórico ao leste da Praça XV, que encontrei muitas das minhas memórias. Além disso, essa área é marcada por intervenções ao longo de sua história, que tentaram apagar suas memórias e características.



Bairro da Pedreira destacado em relação as suas bordas.
Fonte: Google Earth e Acervo Pessoal



Mania móveis
usados na rua
Tiradentes. Fonte:
Acervo Pessoal

INTRODUÇÃO

Tendo em vista o processo de espetacularização¹ da área da Pedreira, pretendo com o trabalho um resgate da cidade subjetiva², a partir da experiência sensorial do corpo no espaço e na identificação dos lugares antropológicos. Porém, não busco simplesmente resgatar as subjetividades do passado, mas pretendo produzir novas subjetividades, novas memórias, novas experiências, entretanto, mantendo o mesmo caráter, a mesma atmosfera, que é intrínseca ao lugar e aos seus habitantes.

Dessa forma, é essencial buscar um novo olhar para as áreas opacas³ da cidade, se a intenção é preservar a espontaneidade do lugar, é necessário, a priori, compreender seus habitantes e suas circunstâncias. Existe uma vitalidade nos espaços opacos e rugosos que é sistematicamente recusada nas representações da vida urbana por parte do pensamento dominante, uma vitalidade que é submetida a leituras simplificadoras ou negativas, as quais são formuladas por analistas que se dizem tradutores dos anseios da sociedade.

Diante disso, é indispensável a construção de uma nova cartografia, um novo fazer da cidade, que inclua as descobertas e mazelas do cotidiano. A cartografia necessária é aquela que valoriza os vínculos sociais, vivências e experiências, objetiva e subjetiva, que não renegue o pequeno ou o fugaz, pois esses podem ser de extrema importância na constituição da identidade, memória e afeto pelo lugar.

Encontrei um modo de fazer essa nova cartografia, no conceito de corpografia, desenvolvido pela Paola Berenstein Jacques em diversos textos⁴. A corpografia é na verdade uma cartografia corporal, que descreve um mapa da cidade construído a partir das apropriações e modificações dos usuários. Portanto, parte da hipótese de que o corpo molda a cidade tanto quando a cidade molda o corpo, uma vez que a experiência urbana fica inscrita, em diversas escalas, no corpo daquele que a experimenta.

A experiência corporal da cidade pode ser considerada como uma forma de resistência, uma vez que a cidade ganha corpo através da presença do corpo humano, da vivência e da experiência desses no espaço. Vale destacar, que as corpografias urbanas são mais inclusivas e complexas quando resultam da experiência de espaços opacos e,

por isso, promovem uma resistência efetiva aos espaços luminosos e espetacularizados.

Juntamente com o conceito de corpografia, o conceito de errância⁵ também auxilia na resistência à cidade espetacular e retoma a ideia de cidade subjetiva. A prática da errância pode ser um instrumento do urbanismo, uma ferramenta subjetiva e singular, que vai de encontro ao método ou diagnóstico tradicional. Vale lembrar que o errante urbano seria um homem lento voluntário, consciente da sua lentidão, e que assim se nega ao ritmo acelerado da cidade contemporânea de forma crítica. Desse modo, sua lentidão significa uma outra forma de apreensão e percepção do espaço urbano, que vai bem além da representação meramente visual. São os homens lentos que podem melhor ver, apreender e perceber a cidade e o mundo.

O interesse principal da corpografia e errância urbana para a compreensão da cidade estaria tanto na análise das corpografias voluntárias, quanto das involuntárias. Assim surge a proposta de se estudar e de se provocar a errância urbana, esta forma particular de apropriação do espaço público que está, a princípio, fora do controle urbanístico, mas que gera um entendimento da cidade muito mais intensa e profunda, recordando os sentidos mais antigos da cidade.



Vista da Rua Saldanha Marinho, local de permanência junto ao bar do gaúcho. Fonte: Acervo Pessoal

CIDADE ESPETÁCULO

Nossa sociedade é predominantemente visual, ou seja, mede toda a realidade pela sua capacidade da visão, transformando sua forma de comunicação em viagens do olhar. Do mesmo modo, a arquitetura sofre desse mesmo dilema. Segundo Juhani Pallasmaa em *“Os olhos da Pele, A arquitetura dos sentidos”*, nossa experiência do mundo é uma resultante da combinação dos nossos cinco sentidos, mas hoje a arquitetura vem sendo feita com base em apenas um deles, a visão. Assim o autor afirma que *“A supressão das demais esferas sensoriais tem levado ao empobrecimento de nossos ambientes construídos, provocando uma sensação de isolamento e alienação nas pessoas”*. .

Junto a isso, tem-se a crise da noção de cidade, que se evidencia com a ideia de não-cidade⁶, que de forma similar ao não-lugar⁷, não é capaz de proporcionar uma identificação entre habitante e espaço. Essa não-cidade pode ser fruto do congelamento, devido a patrimonialização desenfreada, criando a cidade-museu, ou ainda da globalização extrema, que resulta na cidade-genérica. Ambos os pensamentos, mesmo que aparentemente diferentes, resultam na cidade espetáculo.

Como já anunciado por Guy Debord em *“A sociedade do Espetáculo”*, *“o espetáculo é o capital em tal grau de acumulação que se torna apenas uma imagem”*⁸. Assim, tal imagem, só necessita da experiência do olhar, portanto, a cidade-espetáculo se distancia cada vez mais da experiência urbana, da própria vivência ou prática da cidade. Assim, a diminuição da experiência corporal das cidades, enquanto prática cotidiana tem colaborado para a espetacularização urbana. A redução da ação humana e, conseqüentemente o empobrecimento da experiência urbana em favor do espetáculo, leva a uma perda da corporeidade, tornando os espaços urbanos em simples cenários sem atores.

O urbanismo como disciplina e prática profissional surgiu com a intenção de transformar os centros históricos em verdadeiras metrópoles modernas, o que consistia em substituir as antigas vielas da cidade histórica, por grandes vias de circulação de automóveis, reduzindo, dessa forma, as possibilidades da experiência física na cidade. Porém existe uma relação inversamente proporcional entre espetáculo e participação, quanto mais espetaculares forem às intervenções urbanas nos planos de revitalização de centros

históricos, menor será a participação da população nesses projetos depois de prontos.

A cidade-espetáculo possui discursos já conhecidos dos projetos contemporâneos, um deles é: a revitalização de centros históricos, uma vez que, segundo esse pensamento, essas áreas já perderam suas funções produtivas e se mostram a margem do circuito econômico. Portanto, esses projetos ter por objetivo transformar os centros urbanos em receptáculos de turistas e de investimentos internacionais. Porém o que ocorre é uma homogeneização do tecido urbano, que encobrem os vestígios e as memórias que essas áreas formaram ao longo do tempo. Assim as cidades vão se deteriorando ao mesmo tempo em que os procedimentos que as organizam vão aparecendo

Guiado por esse pensamento, é que surge na área da Pedreira o projeto do Centro Sapiens, que é uma iniciativa do Sapiens Parque, juntamente com a Prefeitura de Florianópolis e o Governo estadual. Esse projeto é uma proposta de revitalização da região leste do centro histórico da capital, a qual visa a partir de investimentos públicos e privados, transformar a região em um polo de inovação através da economia criativa, voltado principalmente para as áreas do turismo, gastronomia, artes, design e tecnologia. Inúmeras ações estão previstas para propiciar a transformação da área, como o projeto de lei IPTU ZERO para Startups, além de modificações no centro histórico, como melhorias nos calçamentos, e aterro do cabeamento elétrico.

Entretanto, projetos como esse geram a mercantilização das cidades contemporâneas, uma vez que o objetivo desses planos é a formação de uma imagem da cidade, ou ainda, a construção de uma marca em torno dela, onde seja possível coloca-la numa rede internacional de comércio. Como é o caso do Centro Sapiens, que busca implantar uma imagem de “distrito criativo e tecnológico” para a região da Pedreira.

Diante disso, acredito que uma das soluções para frear a espetacularização das cidades seria reconquistar o lugar do corpo humano nesses locais, com a experiência efetiva e a prática dos espaços urbanos. Uma retomada da experiência corporal e sensorial da cidade, ou seja, resgatar a cidade subjetiva.

PROBLEMAS DA CIDADE SUBJETIVA

Fica evidente, a partir das questões colocadas anteriormente que a experiência real urbana tem sido negligenciada e a identificação entre habitante e espaço tem se tornado cada vez mais efêmero.

Entretanto, as cidades possuem elementos com funções subjetivas, as quais têm como objetivo estabelecer uma relação entre o espaço e o habitante. Essas funções de subjetivação parcial, que estão presentes nos espaços urbanos, não poderiam ser abandonadas ao sabor do mercado imobiliário, das programações tecnocráticas e ao gosto médio dos consumidores, como está sendo feito atualmente.

Sabemos que as cidades são imensas máquinas produtoras de subjetividade individual e coletiva, e como máquinas, possuem elementos que permitem o seu funcionamento. Porém, na cidade contemporânea, preocupa-se mais com os sistemas de manutenção desse mecanismo, do que com seus próprios habitantes, que na verdade são os atores principais da cidade. Dessa forma, percebe-se que as pessoas já não são mais vistas como corpos que sentem, mas apenas como mais uma peça dessa máquina.

Obviamente a cidade não pode ser definida apenas em termos de espaços existenciais, a questão econômica, social e cultural são também grandes problemas recorrentes na cidade. Porém, é incontestável a desconsideração desse outro aspecto global dos problemas urbanos, que é a produção da subjetividade, a qual não é vista como uma função da cidade.

Outro problema enfrentado pela cidade subjetiva é a desterritorialização do ser humano contemporâneo, que agora é universal, não possui mais um lugar próprio, uma terra natal, pois virtualmente ele já foi além do que seu corpo físico viveu e, a percepção e a experiência do corpo já não estão mais ligadas necessariamente ao espaço que ele ocupa. Por exemplo, com a internet, nosso corpo está em um espaço, mas nossa atenção não pertence ao espaço físico, mas ao espaço virtual.

Entretanto, nosso corpo é nosso ser sensível, nos possibilita novos olhares e modos de pensar. A experiência no espaço irá depender, portanto, do grau de plasticidade que meu corpo possui, pois se o diálogo não acontece, a percepção do espaço é superficial,

não sendo capaz de deixar impressões do espaço em mim e nem é possível deixar minhas subjetividades somadas a sua atmosfera. Pode-se dizer que tudo isso está relacionado com o conceito de reversibilidade do ato perceptivo, ou seja, ao ver um espaço, esse só irá me olhar novamente se houver uma intenção no meu olhar.

Esse se torna o grande paradoxo da cidade contemporânea, tudo está em movimento, em circulação: a informação, a música, a arquitetura. Porém, na realidade, tudo está parado, petrificado, pois está tudo se homogeneizando, tornando-se igual, perdendo suas características intrínsecas, que são substituídas por elementos globais. Dessa forma, é que se multiplicam os não-lugares, que segundo Marc Augé⁹, são espaços de passagem ou universais incapazes de proporcionar qualquer tipo de ligação entre espaço e observador, não sendo possível, criar uma identidade com o local. Em oposição, estão os lugares antropológicos, os quais possuem uma relação forte entre espaço e sociedade, é um espaço identitário, relacional e histórico. O lugar estimula as relações interpessoais, e ainda é criador de identidade devido ao fato de carregar consigo as memórias.

A cidade convive com diferentes estilos, de épocas distintas, que unidas podem ser consideradas desconexas. Porém, as áreas mais antigas das cidades são lugares de vestígios, pois conservam marcas dos processos de transformações, das adaptações e das apropriações que ocorreram ao longo do tempo, um verdadeiro empilhamento de camadas heterogêneas. Inúmeros são os elementos dispostos sobre uma mesma superfície urbana. Todavia, as renovações urbanas, tem a preferência pela tábula rasa, pela folha em branco, vão escrevendo com cimento uma composição elaborada em laboratório com base nas necessidades diagnosticadas no espaço e vão tentando, com a teoria, buscar uma forma de respondê-las.

Junto a isso, há a pretensão dos arquitetos, e outros construtores do espaço em desterritorializar as construções, ou seja, a fim de transformá-las em um produto de consumo, criam formas universais e globais, que poderiam ser inseridas dentro de qualquer contexto. Assim determinam formas e práticas sociais que não são intrínsecas ao lugar. Muito embora, quem deva ditar suas próprias formas seja a cidade e seus habitantes, a

partir de suas histórias, memórias, relatos, e quaisquer outras práticas do cotidiano.

Diante disso, é necessário rever a relação de consumo e produção da arquitetura, olhar para a cidade e para as pessoas como uma fonte de inspiração. Além disso, é muito comum vermos a “morte” como condição de possibilidades da evolução, como se somente o fim de uma época permitisse enunciar o que ali se viveu, como se fosse preciso morrer para virar livro. Porém, toda arte, toda arquitetura, ela origina-se de um corpo e a meu ver esse corpo deve estar vivo, pulsando de ideias e de inspirações. Diante disso, a produção da cidade, assim como a sua arquitetura, deve ser aperfeiçoada, entendendo e redescobrimo a essência mais profunda dos lugares antropológicos.



Montagem que mostra a habitante desatenta na Rua Victor Meirelles
Fonte: Acervo Pessoal

ASPECTOS DA CIDADE SUBJETIVA

Percebe-se que a experiência do espaço é fundamental para a compreensão da cidade, para a formação da lembrança e do lugar significativo, uma vez que esse é consequência da interação entre as pessoas e o ambiente num determinado intervalo de tempo.

O espaço como lugar significativo, ou existencial, está ligado a identificação entre o espaço e o observador. Segundo Christian Norberg-Schulz¹⁰, é a sensação do habitar, de pertencer e conhecer um espaço que transforma esse em um lugar existencial. Desta forma, pertencer a um lugar é ter uma base de apoio existencial, é estar exposto ao seu caráter.

Por sua vez, o caráter de um espaço vem do conceito de *Genius loci*, o qual acredita que todo ser possui um espírito que o acompanha por toda a sua existência e, é esse que determina o seu caráter. Além disso, essas particularidades do espaço são determinadas pela sua materialidade, que define sua qualidade espacial, ou seja, sua essência, criando a atmosfera do lugar.

Para conquistar o espaço existencial o habitante deve ser capaz de orientar-se no local e ainda identificar-se com ele. Vale ressaltar que a orientação e identificação são, nesse caso, funções psicológicas, por isso não é necessário que o meu corpo tenha vivenciado esse espaço para me identificar com ele. Mas é preciso que esse espaço possua uma atmosfera conhecida pelo meu corpo, para meu corpo se comunicar com o espaço. Além disso, esses dois conceitos, orientação e identificação, podem estar dissociados, uma vez que, é possível se orientar em um lugar sem se identificar com ele, ou seja “sem se sentir em casa”, assim como é possível nos identificarmos com o lugar sem entender sua estrutura espacial de orientação.

A sociedade moderna concentra-se majoritariamente, apenas no conceito de orientação, isso faz com que o lugar significativo, seja tomado pela alienação dos seus usuários. Orientar-se é estar no mundo, porém identificar-se é pertencer, é habitar esse mundo. A identificação se define em função dos significados no lugar e, da maneira como esses são interpretados por nosso corpo, uma vez que cada pessoa possui um grau

de sensibilidade diferente.

Portanto, na vivência das cidades deve haver uma interação entre as formas edificadas e as nossas memórias, nosso mundo, assim os traços de um espaço devem ter uma contrapartida na percepção do observador e, se somar as suas experiências. Assim, os significados de uma obra não estão apenas na sua materialidade, mas também nos significados transmitidos por elas, e ainda na força emocional que carregam. Desse modo, as formas agem sobre nossos sentimentos por meio do que elas representam.

A vista disso, a cidade subjetiva necessita ser habitada e sentida, pois possui sons, tato, cheiros e gostos próprios, que vão compor junto ao olhar a complexidade da experiência urbana e, nesse momento, a cidade deixa de ser um simples cenário, ganha corpo e torna-se comunicável.



Detalhes do bairro da Pedreira.
Fonte: Acervo Pessoal



Modificação no uso da
Rua Nunes Machado
Fonte: Acervo Pessoal

TERRITÓRIO

Duas ideias ajudam a qualificar o caráter local da Pedreira, são elas o conceito de espaço opaco e o espaço rugoso¹¹. O espaço opaco aparece como um local esquecido, abandonado, sem grande importância no contexto da cidade. Porém, na verdade, esses locais são lugares de sobrevivência, de resistência. Segundo Milton Santos¹² os espaços opacos, representados como feios, sem interesse e perigosos pelo pensamento dominante, oferecem novas possibilidades e saberes que estão relacionados à apropriação social, ou seja, o espaço se materializa com menos técnica e mais inventividade, menos domínio e mais estímulo. Portanto, os espaços opacos incitam a utilização do corpo na leitura do tempo e espaço.

Como exposto anteriormente, a região da Pedreira já está sendo alvo desse pensamento dominante, é retratada como feia, sem vida e desconectada da cidade. Entretanto, é evidente a inventividade na apropriação local, seja nas ocupações das ruas pelos bares e lanchonetes, criando espaços de permanência onde antes era somente local de passagem, mas principalmente, pela presença de grupos que reinventam o espaço, como é o caso do “Batalha das Mina”, que ocupam o Terminal Urbano Cidade de Florianópolis, todo sábado a noite, como palco para suas manifestações culturais.

Vale destacar, que em oposição à opacidade, estão os espaços luminosos, os quais são produtos da modernidade, que nos seduzem e convencem pela luz. Esses locais nos impossibilitam de ver os fenômenos plenos, pois cegam e prejudicam a percepção das possibilidades de ações alternativas no espaço. A “iluminação” é, portanto, a lógica da promoção das cidades espetáculos, são impedimentos simbólicos que retêm formas populares ou ensaios de apropriação do espaço urbano. Como exemplo de um espaço luminoso na área de atuação, há o aterro, que é um grande espaço projetado para nenhum corpo.



Fonte: Acervo Pessoal

Já a rugosidade é vinco, conjunto de rugas, marcas e memórias. Espaço rugoso é aquele que acumula tempos e, não separa esse tempo do espaço, ou seja, ele valoriza a historicidade que conforma a espacialidade. A rugosidade como palimpsesto, condiciona também os futuros possíveis, já que é uma característica herdada do território usado, do espaço cotidiano. Esse conceito se apresenta como uma forma de resistência a hegemonia dos espaços luminosos por recordar e permitir a recriação dos espaços opacos.

Na Pedreira, esse vinco mais profundo, é o seu feitio popular, que esteve presente desde as primeiras ocupações, e que mesmo depois de tantas intervenções, as quais tentaram modificar essa característica, resistiu ao tempo e ainda é notável nos seus usos e nos seus praticantes.

Dessa forma, o que se pretende com esse trabalho é um novo olhar para as áreas opacas da cidade, principalmente para o Bairro da Pedreira, devido aos novos projetos que ali se pretende instalar, como o caso do Centro Sapiens, que claramente pretende “alisar” as rugosidades do espaço. Nessas propostas luminosas, adota-se um meio de intervenções que buscam a rendição do habitante, isto é, não se observa a dinâmica intrínseca ao local, o fenômeno como ele realmente acontece. Como consequência, se tem o emprego de projetos que não afloram do lugar, fazendo com que esse perca sua identidade, uma vez que, é necessário que os espaços se modifiquem para se encaixar no novo projeto.

Logo, esses projetos anulam os atores principais e os cenários que compõe o lugar, além de colocar a população que estimula a complexidade da área como o grande inimigo. Desaparece, portanto, as relações anteriores, empobrecendo as experiências sociais existentes, reduzindo-se a multiplicidade do lugar.



Batalha das Mina.
Foto: Saul Smith



Rua Saldanha Marinho, apropriação da passagem como espaço de permanência.
Fonte: Acervo Pessoal

ABORDAGEM DO ESPAÇO

Felix Guatarri, em seu livro “*Caosmose: Um novo paradigma estético*”, fala sobre a lógica do caos, a qual busca analisar o caráter local, a fim de cultivar os saberes e singularidades que esses lugares adquiriram ao longo dos anos. Porém, para se investigar o caráter de um espaço, é necessário se expor a ele, ou seja, vivenciar o espaço, para assim, compreendê-lo. Desse modo, as investigações do espaço urbano, a partir das experiências, possibilitam o “urbanismo poético”, que inspira uma nova forma de entendimento da cidade, levando a uma reinvenção poética e sensorial dos espaços, logo, uma retomada da cidade subjetiva.

Entretanto, no urbanismo contemporâneo, o distanciamento entre sujeito e objeto, entre prática profissional e vivência, se mostra desastrosa ao esquecer aquilo que o espaço urbano possui de mais poético, que é seu caráter humano, sensorial e corpóreo. O sujeito urbanista, ao se esquecer de se relacionar fisicamente e afetuosamente com a cidade, se distancia de seu objeto de estudo e acaba por projetar espaços espetacularizados e globalizados.

Por outro lado, o urbanista errante experimenta a cidade através das errâncias, seu pensamento está voltado para as práticas, ações e percursos que se observa no local. Assim, a compreensão do espaço pela vivência, se torna uma forma de “diagnóstico”, que muito além daquele tradicional, nos faz entender e, principalmente, sentir a cidade de uma forma muito mais intensa e clara do que mapas, números e estatísticas podem proporcionar.

Por isso, a minha aproximação da área foi a partir das vivências e experiências do local, revivendo minhas memórias e também formando outras novas. O primeiro ensaio dessa abordagem se deu com base no pensamento da fenomenologia e teve como resultado, uma série de colagens, que descrevem as minhas experiências pela Pedreira.

Para a fenomenologia, todo fenômeno se mostra sem que tenhamos que interferir no processo, as coisas se revelam a nós. Dentro desse pensamento nossa tarefa é descrever os fenômenos e não explicá-los. Uma vez que, quando explicamos alguma coisa, interferimos no fenômeno com nossa lógica, portanto, nossa explicação é dissimulada

pelo nosso pensamento. Já descrever o fenômeno é abordá-lo a partir da perspectiva do homem que o vivencia, do modo como ele se apresenta a nossa consciência. Dessa forma, permite-se que as coisas se manifestem como são sem que lancemos sobre elas nossas construções intelectuais.

Desde que nascemos aprendemos sobre as coisas do mundo sem a necessidade de problematizar ou refletir sobre os acontecimentos. A criança, por exemplo, percebe tudo antes mesmo de pensar sobre as coisas, anunciando assim, um mundo que é anterior ao pensamento reflexivo. Portanto, foi deste modo que tratei minhas percepções durante as vivências. A priori, fui percebendo os fenômenos que aconteciam no local sem pensar sobre o porquê que estava acontecendo, sem tentar encontrar uma razão ou uma lógica para aquilo.

É na percepção que Merleau-Ponty busca respostas para a associação entre consciência e mundo, assim, para o filósofo, nosso conhecimento provém das sensações enviadas pela percepção, que se somam e formam nosso consciente. Todo conhecimento presente em nossa consciência passou primeiro pelo crivo da percepção. Portanto, ela é nossa primeira forma de conhecimento e ocorre numa atmosfera difusa, que escapa ao controle do sujeito, uma vez que, não é um ato de vontade ou de decisão de uma consciência atenta, mas sim um fato de uma situação dada. Por exemplo, quando vemos uma cor, essa cor vem até nós independente da nossa vontade, se vemos o azul, é por que somos sensíveis à cor azul.

Vale ressaltar que nem tudo o que vemos é percebido por inteiro, enquanto uma parte se exhibe, outra se esconde, mantendo uma relação de fundo e figura. Do mesmo modo, ocorre com a consciência, pois nem tudo o que eu percebo, compõe meu consciente. É da natureza das coisas se oferecerem por partes, revelando-se pouco a pouco.

O mesmo acontece com os espaços, não os percebemos por inteiro no primeiro momento que os conhecemos, muito menos utilizamos todos os nossos sentidos na primeira percepção. Porém, perceber os espaços por um dos sentidos, possibilita desenvolver os demais nos momentos seguintes. Da mesma forma ocorre com as sensações,

quando nos deparamos com um fenômeno, vem primeiro um sentimento mais forte e isolado, e depois os demais sentidos são desvendados, na medida em que os detalhes são compreendidos.

Atenta-se, dessa forma, que a concepção dos espaços urbanos e arquitetônicos não pode partir apenas de métodos objetivos e pragmáticos, devido à importância existencial que carrega. A construção dos espaços torna-se um meio de comunicação, entre aquele que cria e aquele que observa, como, por exemplo, na pintura, onde o pintor ocupa uma relação intermediária, uma vez que na composição dos quadros se misturam atos sensíveis e inteligíveis, que se tornam uma forma de comunicação e linguagem, que serão observados por outra consciência. Assim, a percepção converte-se na base a partir da qual construímos a comunicação.

A vista disso, para ultrapassar sua funcionalidade e nos tocar de diferentes formas, a arquitetura deve ocupar um espaço equivalente ao da língua falada. A construção da comunicação seja ela do espaço, da pintura, ou da linguagem verbal, possui certa autonomia do pensamento, ou seja, novos sentidos vão emergindo à medida que o autor ou leitor da obra iniciam a leitura. Da mesma forma, acontece com os espaços que convivemos diariamente, eles são vistos com um olhar cotidiano e corriqueiro, que não nos possibilitam um novo sentido. Entretanto, quando o espaço nos interpela de um modo diferente, altera-se também nosso olhar.

Diante disso, e conforme acima comentado, busquei descrever minhas percepções do bairro da Pedreira, através de colagens, na expectativa de que estas comuniquem a minha experiência e ainda possibilitem novos olhares para o espaço. A base de observação foram as zonas fenomenológicas expostas por Steven Holl em seu livro “*Cuestiones de percepción. Fenomenología de la arquitectura*”, essas zonas estão intimamente ligadas aos sentidos do nosso corpo, como tato, olfato, audição e visão.

Visto que, são os elementos concretos da arquitetura e a atmosfera criada por eles que formam a base da nossa percepção, devemos considerar os contornos, a luz, as cores, a geometria e os materiais dos lugares como uma coisa só, de forma que esses

elementos criem o todo do ambiente, até que não seja mais possível distinguir esses elementos no espaço.

Portanto, esse ensaio, resultou em 4 colagens, que foram concebidas pela minha percepção em 3 dias diferentes, feitos em horários distintos, porém, em uma mesma rua, a Tiradentes. Nelas tentei expressar, além da percepção do que estava acontecendo, meus sentimentos, o tempo, os sons e as cores.



Colagem 1. Sexta-feira.02/06.17h



Colagen 2. Sexta-feira.02/06.19h



Colagen 3. Quart-feira.07/06.16h



Colagen 4. Sábado.10/06.13h

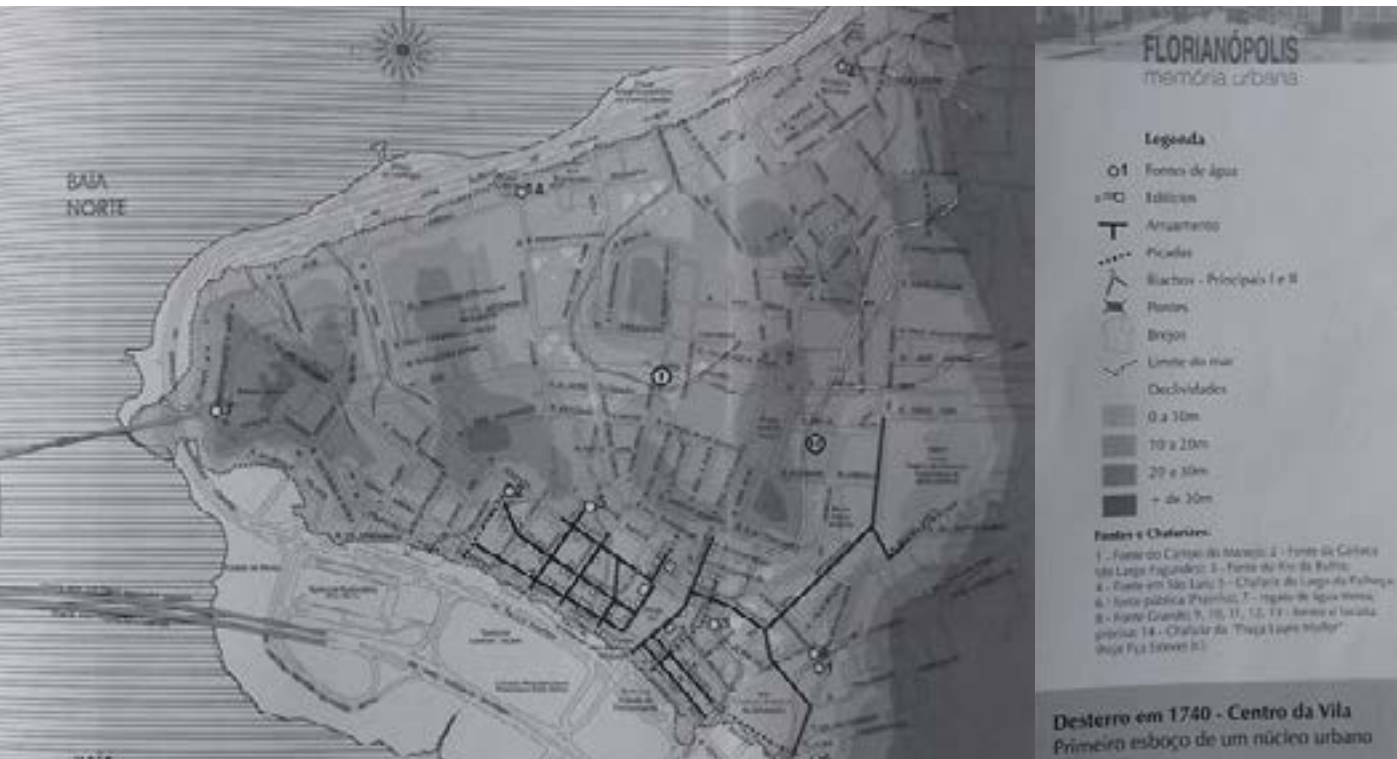
Nota-se, que as nuances das colagens, são fruto das subjetividades, uma vez que a materialidade do espaço é o mesmo. A luminosidade de cada dia, assim como a temperatura e também meu grau de sensibilidade, tornou singular cada uma das experiências. Além disso, o modo como a Rua Tiradentes estava sendo ocupada nesses dias não era o mesmo, num deles a rua estava tomada por pessoas e, portanto, a maneira que meu corpo pode se apropriar do espaço foi outro, gerando perspectivas diferentes e, consequentemente, percepções distintas. Essa ocupação modificou também o som presente na rua, onde as conversar, risadas e músicas, substituíram o trepidar das rodas dos automóveis pelo calçamento histórico. Quanto a isso, vale ressaltar que a Rua Tiradentes, é uma das poucas ruas que possui tráfego de carros dentro da Pedreira e, portanto, esse som foi considerado pela minha percepção nos demais dias.

Essa prática de apreensão da área me mostrou como os espaços podem ser percebidos de formas tão diferentes, seja apurando o olhar para os acontecimentos ao nosso redor, ou ainda, pela presença de alguma intervenção, que é capaz de mudar a maneira como nos comportamos no ambiente. Porém, o que mais me comove, é que as sutilezas que dão as variações do espaço são frutos de elementos imateriais ou então da ação do corpo humano, ou seja, são subjetividades.

HISTÓRICO COMO REFLEXOS DAS PERCEPÇÕES

Além das colagens, apresentadas anteriormente, minhas vivências pela Pedreira, resultaram em uma série de constatações sobre a área, que juntamente com outros materiais, ajudaram a compor os mapas e as análises que serão expostos a seguir. Vale ressaltar, como é notável a interferência dos projetos urbanos, pelo qual a área passou ao longo de seu desenvolvimento, nas minhas percepções atuais do espaço. Assim sendo, acho conveniente apresentar os mapas junto a um breve histórico da ocupação do centro de Florianópolis, uma vez que, minhas apreensões são consequência dessa história.

A organização urbana de Florianópolis foi influenciada pelas primeiras ocupações do século XVIII, que se instalaram predominantemente onde hoje é o centro da cidade, devido à proximidade com o continente, com fontes de água e, também pela proteção do vento sul que o morro da Boa vista proporcionava. O elemento formador da malha urbana foi o largo da matriz, atual Praça XV, que era o grande espaço público da cidade. Os edifícios que compunham os arredores desse largo eram predominantemente de ordem institucional, porém, também se encontravam residências de famílias nobres e algum comércio.



Mapa 1740 , nota-se que a ala oeste já possui um arruamento mais definido compara a ala leste.
Fonte: VEIGA, Florianópolis Memória Urbana,2010

Até meados do século XIX não havia uma distinção muito clara de área de ricos e de pobres. Essas diferenças sociais começam a se acentuar durante a segunda metade do século, muito devido à ascensão do comércio, e criação de um centro comercial mais demarcado na malha urbana. O que possibilitou tal progresso foi o fato de a cidade ser um importante entreposto da navegação. Dessa forma, o comércio não passaria apenas a interferir na vida religiosa, mas gerar mudanças no trabalho cotidiano, no poder político, na organização citadina, e na localização dos ricos e pobres.

Diante disso, a população mais humilde, começa a se concentrar na região leste do largo da matriz, devido à proximidade com as atividades comerciais geradas pelo porto e pela extração de rocha da pedreira que ali se encontrava e, que abasteceu as construções de sobrados que começam a surgir do outro lado da praça. Além disso, a proximidade com a Fonte Grande, também é um dos motivos pela concentração da população carente nessa região, pois além de abastecer a cidade, era o local de trabalho das lavadeiras que vinham de diferentes pontos da cidade. Essa população era composta predominantemente, por mestiços, escravos libertos, soldados, marinheiros e lavadeiras, que na maioria das vezes, habitavam cortiços alugados dos ricos da ala oeste.

Assim sendo, formaram-se dois traçados bem diferenciados, a oeste da praça, com ruas perpendiculares e paralelas ao largo, onde se concentraram os comerciantes e suas famílias, e a leste, entre a praça XV e o rio da Fonte Grande, onde surgiu o bairro da Pedreira, com uma malha mais irregular, devido sua topografia acidentada.



Casas do tipo porta-janela na Rua Victor Meireles em 1940
Fonte: Acervo Casa da Memória

Porto na Rua Antonio Luz
Fonte: Acervo Casa da Memória

Com a elevada densificação dessa área, começaram a aparecer os primeiros casos de epidemia. O aumento demográfico além de ser consequência da segregação gerada entre os dois lados da praça é também decorrente da implantação do quartel do exército nas proximidades do bairro. O cenário que marcou essa região era repleto de imundices, becos sujos, e cortiços. Por consequência, a população começou a ver aquela área, como a grande causa dos problemas urbanos e das epidemias que assolavam a cidade.

Além de modernizadora, a ideia da elite da cidade, tinha como objetivo ornamentar e higienizar a capital, construindo uma nova arquitetura, alargando os becos e demolindo os cortiços e, foi neste contexto que começaram os movimentos de retirada da população mais pobre da área central. Tal ato era feito a partir de decretos e leis, propostos pelos governantes e comerciantes, a fim de “limpar” e embelezar a cidade, com a ajuda e divulgação da imprensa. Os decretos ditavam regras de construção de novas edificações, que passavam por inspeções de um conselho de higiene, até mesmo regras de comportamento foram publicadas, na época, pelos jornais. Essas leis e decretos tinham como referências as medidas sanitárias de Haussmann em Paris, e de Pereira Passos no Rio de Janeiro.

Devido ao alto custo das construções de novas residências nos padrões exigidos pelos decretos, se agravou a situação da população pobre da área leste da praça XV, que foi forçada a se retirar da área. Diante dessa situação alguns moradores venderam suas casas, e outros, tiveram suas residências demolidas. Dessa forma é que surgem as primeiras ocupações do morro, as quais não eram impedidas pelo poder público, uma vez que as invasões diminuía a pressão sobre o governo, quanto ao problema da moradia. Além disso, mudam-se drasticamente os usos no bairro da Pedreira, posto que poucas residências se mantiveram, dando lugar a edifícios institucionais.



Rua Nunes Machado prédio do Ministério da Fazenda.
Fonte: Google Earth



Casas do tipo porta janela na Rua Nunes Machado em 1931, hoje no local está o prédio do Ministério da Fazenda.
Fonte: Acervo Casa da Memória

Outro ponto que modificou os usos tradicionais foi o enfraquecimento das atividades portuárias, decorrente da construção da Ponte Hercílio Luz, já que o transporte das mercadorias que abasteciam o comércio começou a ser feito por terra. Contudo, a Rua João Pinto, ainda se manteve com grande fluxo de pessoas e forte comércio, que ainda hoje, é notável ao percorrê-la, seja pelo seu uso comercial, seja pelo calçadão que ali criou, mas principalmente, pelo modo como os edifícios mantiveram sua relação com a rua, abrindo suas portas junto aos passantes e, muitas vezes, utilizando-a como parte do seu comércio. Vale destacar, que é na João Pinto onde acontece a Feira Permanente Viva a Cidade e, semanalmente, o espaço ganha uma nova dinâmica, novas texturas, mantendo, entretanto, sua relação entre o cheio e o vazio.



Rua João Pinto em 1940
Fonte: Acervo Casa da Memória

Rua João Pinto em 2016
Fonte: Acervo Pessoal

Rua João Pinto. Maior fluxo de pessoas na região. A circulação acontece de forma semelhante em ambos os sentidos.

Rua Tiradentes, maior fluxo de carros da região. O fluxo de pessoas se dá predominantemente em direção a Praça XV

É notável uma diferença entre os dois fluxos, principalmente quanto a percepção sobre o que acontece a sua volta, essa é muito mais intensa na Rua João Pinto, uma vez que na Rua Tiradentes as pessoas passam num ritmo mais intenso e desatento.



Fonte: Acervo Pessoal

Na medida em que os casebres foram sendo substituídos, o governo vai ocupando a área com edifícios institucionais como a Escola Normal, Instituto Politécnico e o Ministério da Fazenda. Esses edifícios foram se instalando das quadras mais próximas da Av. Hercílio Luz, que estava sendo construída, e tinha o intuito de valorizar a região. Hoje, é evidente que esses novos edifícios não fazem parte da ocupação original da área, tanto pela perda da escala do corpo que eles trouxeram consigo, e também pela relação que mantem com a rua, que é praticamente nenhuma. Além disso, devido essa monumentalidade dos prédios, juntamente a dimensão diminuta das quadras, se formam paredões nas ruas adjacentes, que são compostos pelas laterais e fundos dessas obras.

Como consequência, perde-se a presença do corpo nessa área, tornando a circulação por ela insegura. Devido a isso, os edifícios presentes nessas ruas, mudam também a sua relação com ela, os usos ali presentes, são serviços específicos que não necessitam do fluxo de pessoas. Toda essa ambientação faz com que essas ruas sejam as menos procuradas pelos pedestres, porém, as mais procuradas pelos carros, uma vez que, a presença de automóveis estacionados é muito grande.



 Ruas que passam a sensação de insegurança

Nota-se que a semelhança entre elas é o seu uso, edifícios institucionais pouco utilizados pela população. Além disso, é comum nessas ruas a falta de “olhos”, uma vez que para essas ruas se voltam fachadas laterais ou posteriores dos edifícios. Outra semelhança entre elas, é a presença do carro, porém esse geralmente está estacionado.

Fonte: Acervo Pessoal



Mapa das relações entre os edifícios e a rua

-  Lateral de Edificação
-  Fundos de Edificação
-  Edifícios fechados/sem uso
-  Frente da edificação com relação com a rua
-  Frente da edificação sem relação com a rua

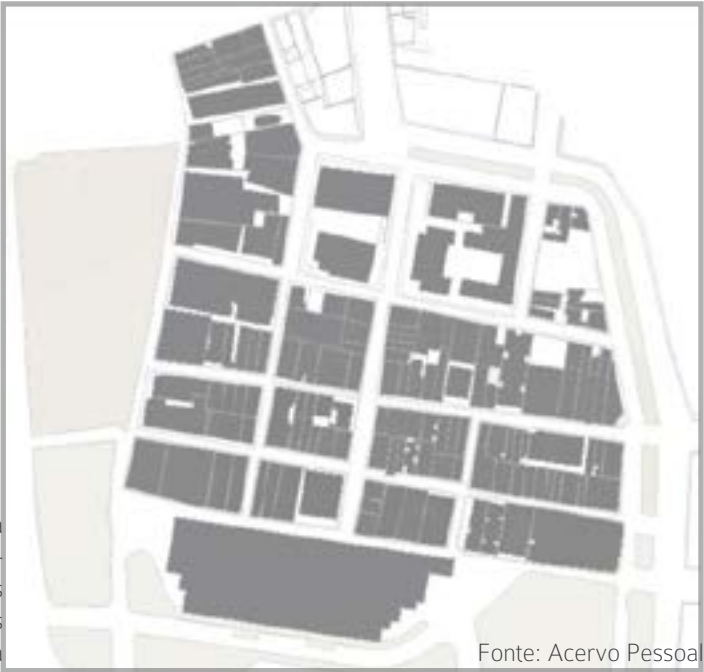
Fonte: Acervo Pessoal

Outro ponto a se questionar sobre esses edifícios são suas implantações e a relação com a rua. Posto que, são prédios que possuem vazios dentro de suas quadras, mas se relacionam com a rua como se fosse um grande cheio, uma vez que, são muradas ou gradeadas. Devido a isso, formam-se barreiras desnecessárias para o fluxo de todo o bairro, além de não permitirem a criação de um percurso mais fluído e múltiplo, como acontece nas ruas mais próximas ao terminal.



Mapa mostrando os locais de ocupação e permanência do Bairro da Pedreira. Vale destacar que cada local tem sua forma de organização espacial, seus frequentadores são diferentes, mas que de forma semelhante ocupam a rua como local de permanência.

Fonte: Acervo Pessoal



Mapa dos cheios e vazios da região da Pedreira. Nota-se que a área que possui mais vazios é a região onde menos se tem a presença do corpo ou espaços de permanência.

Fonte: Acervo Pessoal



Possibilidades de Percurso

Barreiras físicas

Nota-se que a parte mais permeável de toda a região é aquelas que possui mais cheios, onde as quadras são menores e as relações entre o cheio e o vazio é mais intenso. Enquanto que nas áreas com mais vazios, as possibilidades de caminhos são mais restritas, esse é mais um motivo dessas ruas serem as menos procuradas pelo corpo.



Possibilidades de Percurso

Barreiras físicas

Novas possibilidades de percursos

O mapa mostra a potencialidade das áreas não ocupadas nos miolos de quadra, de se tornarem tanto áreas de permanência ou ainda de se tornarem passagem, possibilitando a criação de novos percursos.

Entretanto, foi a partir da década de 60 que o bairro da Pedreira passou por mudanças ainda mais profundas na sua arquitetura e ocupação, causando uma ruptura com a cultura local e tradicional do lugar. Esse período é marcado pelas construções das grandes torres modernistas, as quais também foram tomando o lugar dos antigos casarios, e exibem uma escala que não condiz com o lugar. Porém, o maior projeto “luminoso” que se implantou, foi o aterro da baía sul, que pôs fim à dinâmica do bairro da Pedreira, distanciando a população do mar e enterrou o porto, que foi substituído por uma ponte, colocando Florianópolis entre as cidades modernas brasileiras. Assim, a cidade que antes se baseava na atividade portuária, e tinha o mar como fundo das suas relações cotidianas, agora abriga uma grande infraestrutura rodoviária.



Vista da Rua Antônio Luz, mostrando a relação da cidade e do mar antes do aterro.
Fonte: Acervo Adolfo Nicolich



Vista aérea do bairro da Pedreira, mostrando como era a proporção das ruas e dos edifícios. Ao fundo já se nota o primeiro aterro.
Fonte: Acervo Casa da Memória



Vista da Rua
Nunes Machado
para o edifício
do Ministério
da educação,
evidenciando
a diferença de
escala dos edifi-
cios modernistas
Fonte: Acervo
Pessoal

Fica evidente hoje, como a população ignora das suas atividades cotidianas esses locais, tanto os edifícios públicos, mas principalmente, o aterro, gerando o grande paradoxo da área, que é o fato de onde tem os grandes vazios e espaços públicos, serem aqueles com menos presença do corpo, caracterizando-se como áreas inseguras, enquanto os espaços mais cheios serem os mais ocupados, mesmo que essa ocupação tenha que ser na rua. Dessa forma, é notável na área como os projetos mais luminosos são os mais desocupados, pois são imponentes, agressivos e não foram pensados para o corpo presente na área, uma vez que a escala e a relação com a rua não possibilitam a experiência do corpo como era antigamente. Por isso, que nas ruas as quais possuem a escala mais próxima da tradicional são aquelas mais ocupadas, mais vivenciadas.

Por vezes, projetos luminosos mudaram a paisagem e a memória do lugar. Entretanto, mesmo com a mudança de usos, pode-se dizer que a dinâmica urbana permaneceu, devido à implantação do Terminal Urbano Cidade de Florianópolis, que recebia os ônibus vindos de todas as partes da cidade. Assim, com o aumento da população, da frota de ônibus e circulação de pessoas, a Pedreira se beneficiou dessa movimentação. Fortaleceu-se o comércio de passagem dessa área, tornando-se novamente um lugar de chegadas e partidas. Além disso, o terminal impulsionou a instalação de cursinhos pré-vestibulares, escolas e restaurantes, além dos comércios que hoje caracterizam esse local, como os sebos, brechós, bancas de revistas e de artesanato. Porém, mais uma vez, uma ação pública, modifica e dilui a dinâmica do bairro, quando nos anos 2000 desativou o terminal para construção do TICEN. Os reflexos de tal projeto atingiram os comerciantes com a queda da movimentação, principalmente no horário comercial.

Diante disso, fica evidente a resistência que esse local possui diante dos projetos luminosos que, de tempos em tempos, tentam enfraquecer sua opacidade. Porém, devido a sua história, sua população e sua memória, o local se reinventa a cada nova ação, e mantém o seu caráter, sua essência.

CIDADE COMO PALIMPSESTO

Palimpsesto, palavra de origem grega surgida depois da adoção do pergaminho para o uso da escrita, significa aquilo que foi raspado ou apagado, para ser reutilizado. Do mesmo modo que nos pergaminhos, onde uma escrita se ocultava sob outra, mas deixava traços da sua presença, a cidade como palimpsesto deixa vestígios de um tempo que já se diluiu, mas que podem ser recuperados. Há uma superposição de camadas, de experiências, que incitam um desfolhamento, uma espécie de arqueologia do olhar, para a obtenção daquilo que se encontra oculto, mas que deixou marcas, quase imperceptíveis.

A paisagem urbana, é na verdade uma paisagem social, fruto da ação do homem e da sua cultura sobre a natureza. Na cidade, a passagem do tempo altera as formas espaciais, seja pela substituição de edifícios por outros novos, mais adequados a nova dinâmica da cidade, ou ainda pela adaptação dessas formas, que são entendidas como patrimônio.

Portanto, uma cidade abriga todos os tipos de espaço construídos, em múltiplas combinações possíveis, por superposição ou substituição. Diante disso, toda cidade é palimpsesto quanto a sua materialidade, pois remetem as memórias no seu tecido urbano, onde se superpõem várias camadas, mais ou menos aparentes. Do mesmo modo, as funções da cidade vão de modificando com o passar do tempo, sendo a cidade, efeito das marcas deixada pela sua sociedade.

Com isto posto, as imagens a seguir, mostram essas sobreposições de camadas no Bairro da Pedreira, que se deram com a substituição dos edifícios, os quais modificaram o espaço tanto nas suas formas, como também nas suas proporções, escala e usos, resultando no que vemos hoje.



Em primeiro plano a antiga casa de elevação de água, nota-se a presença da antiga balaustrada que marcava o limite entre a malha urbana e o mar, em segundo plano o Terminal urbano Cidade de Florianópolis
Fonte: Acervo Pessoal



Rua Nunes Machado 1931
Fonte: Acervo Casa da Memória



Rua Nunes Machado 2017
Fonte: Google Earth



Montagem da Rua Nunes Machado 2017 sobre 1931
Fonte: Acervo Pessoal

Neste trecho da Rua Nunes Machado houve a substituição de uma série de casas do tipo porta janela, pelo prédio onde hoje se encontra o Ministério da fazenda, com essa medida modifica-se a relação com a rua, uma vez que, o contato entre o espaço público e privado era muito próxima, e com o novo prédio, essa relação é distanciada e ainda separada por uma grade, mesmo o uso do edifício tendo um caráter público.



Rua Victor Meireles 1935
Fonte: Acervo Casa da Memória



Rua Victor Meireles 2017
Fonte: Google Earth



Montagem da Rua Victor Meireles 2017 sobre 1935
Fonte: Acervo Pessoal

Nesta sobreposição das camadas, o que mais me chama a atenção, além da substituição dos casarios pelo prédio do procon, é a presença de vegetação nos quintais. Nas ruas da Pedreira nunca houve uma predominância do verde, porém, era possível encontra-los dentro dos lotes residenciais.



Rua Victor Meireles 1940
Fonte: Acervo Casa da Memória



Rua Victor Meireles 2017
Fonte: Google Earth



Avenida Hercílio Luz 1930
Fonte: Acervo Casa da Memória



Avenida Hercílio Luz 2017
Fonte: Google Earth



Montagem da Rua Victor Meireles 2017 sobre 1940
Fonte: Acervo Pessoal

Devido as dimensões dos lotes da ocupação histórica é comum um edifício ocupar o que já foi vários terrenos, como neste caso, onde várias casas do tipo porta janela, deram lugar a um edifício, tal ação, modifica mais uma vez a proximidade entre público e privado, porém, com um agravo, de neste caso, tirar os “olhos da rua”, já que uma série de janelas que se abriam para a rua, foram substituídas por um plano sólido e contínuo.



Montagem da Av. Hercílio Luz 2017 sobre 1930
Fonte: Acervo Pessoal

Neste intervalo da Avenida Hercílio Luz tem-se a sobreposição dos edifícios do Museu da Escola Catarinense e da Casa José Boiteux sobre casebres que se encontravam a beira do antigo Rio da Fonte Grande. Essa pode ser vista como a maior intervenção, uma vez que, além de alterar o uso e a relação com a rua, ambos os edifícios possuem uma escala monumental, imponente, diante da cidade e dos habitantes.

DESDOBRAMENTOS

Perante as análises e pensamentos apresentados, fica evidente, a necessidade de rever a relação de consumo e produção da arquitetura e urbanismo, assim como, olhar para a cidade e para as pessoas como uma fonte de inspiração, uma vez que, devido as construções de projetos luminosos, a cidade vem perdendo corpo, e também, esquecendo sua história.

O objetivo do trabalho é, portanto, retomar a experiência subjetiva na cidade, a partir de intervenções que estimulem o olhar e o pensamento crítico dos habitantes, diante do processo de espetacularização urbana. Modificando a percepção dos seus praticantes em relação aos locais que convivem diariamente, como forma de resgatá-los do automatismo e da velocidade que a cidade contemporânea impõe.

A experiência individual pode acontecer de duas maneiras, ou pela objetividade ou pela subjetividade. Na experiência objetiva o indivíduo percebe o espaço, fatos, fenômenos e objetos de forma concreta, ou seja, são compreendidos de maneira semelhante por diferentes corpos. Já a experiência subjetiva consiste em um processo interno, psicológico, que somente o indivíduo é capaz de conhecer, tornando possível a produção de subjetividades distintas causadas por uma mesma materialidade ou um mesmo acontecimento. Essa singularidade é consequência do grau de sensibilidade de cada indivíduo que quando expostos a uma mesmo caráter podem produzir sentimentos distintos.

Assim, pode-se dizer que a subjetividade está ligada as sensações que são causados pelo espaço ao corpo e, só são sentidas quando o corpo se expõe ao espaço. Porém mais do que dar corpo a cidade, mais que criar formas de expor o corpo ao caráter da cidade, o necessário diante da espetacularização é conduzir os praticantes ordinários do espaço a criar uma visão crítica sobre o processo no qual eles e seu bairro estão inseridos.

Sendo o propósito do trabalho estimular a experiência subjetividade no bairro da Pedreira, não pretendo modificar a estrutura do bairro, como alterar mobilidade, pavimentação ou iluminação, uma vez que o foco é a produção de subjetividade, que comumente é esquecida pelos urbanistas. Assim, irei me concentrar nas sensações causadas

pelo espaço e como essas podem aflorar o espírito crítico dos habitantes e a identificação com o espaço.

Com isso, a fim de perturbar a organização atual, apontando o espaço rico que a Pedreira possui, vejo na arte urbana, uma forma de reestabelecer a identificação entre os atores e o espaço, criando experiências subjetivas que consigam transformar os espaços invisíveis em visíveis. Se por um lado os projetos espetaculares esquecem da presença do corpo na cidade, a arte pública, na forma de instalações urbanas, está cada vez mais voltada para ele.

Além disso, quando a intervenção urbana ganha um sentido mais crítico, acaba por revelar as mazelas do espaço e pode atingir um âmbito mais social. Deste modo, o trabalho, procura impulsionar pensamentos e trazer para os olhos questões que o pensamento dominante tenta apagar ou esconder e, principalmente, criar espaços inventivos onde é possível aprender e enxergar a realidade com outros olhos. Visto que, quando a arte tem o poder de desenvolver uma sensibilidade crítica, consegue fomentar uma transformação, uma vez que, ela por si só não consegue alterar de forma concreta a realidade, mas pode, entretanto, promover uma reflexão política e urbana, assim como, inspirar mudanças futuras.

A cidade como lugar da vida cotidiana, do coletivo, do fluxo de ações, dos acontecimentos e da acumulação histórica, oferece reflexões inspiradoras para qualquer manifestação que ali irá se instalar. Assim, quando a proposta nasce da interação dos espaços existentes com a intervenção criada, pode estabelecer uma relação de pertencimento entre habitante e espaço. Pois além de modificar a percepção sobre os lugares, por meio da evidencia de sua memória, pode despertar o interesse das pessoas pelo local. Portanto, a arte pública pode se tornar, também, um meio pelo qual se apreende a cidade, transformando o espaço em sua própria fonte de conhecimento.

Vale destacar que a principal questão que guia a arte urbana é a percepção sensual dos espaços e a ênfase no papel do observador, que neste caso, deixa de ser um expectador, e passa a fazer parte da obra, uma vez que, ela necessita ser vivenciada para poder

ser compreendida. Diante disso, pretendo, como já exposto, trabalhar com a experiência do corpo nos espaços e com as sensações possíveis.

Como exemplo de artistas que já propuseram obras com essa magnitude, podemos citar Helio Oiticica, que nos anos 60 criou obras que exprimiam suas vivências na favela do Rio de Janeiro, nessas obras era preciso que o observador experimentasse os espaços criados, para compreender a experiência que o corpo do artista teve na comunidade da mangueira. De formas diferentes, Oiticica exhibe a vida, a organização e a convivência dos habitantes do morro.

Além de Oiticica, podemos citar outros artistas, como Richard Long e Christo. Nos trabalhos de Long por exemplo, as intervenções possuem dimensões humanas, uma vez que, toda a sua obra se desenvolve em torno do ato de caminhar, afirmando assim, o andar como um ato artístico. Outro ponto de destaque em sua obra, é o fato de o corpo do artista ser o grande impulsionador da obra, visto que, as obras acompanham seus passos e seu olhar, assim, o corpo do artista torna-se intrínseco a obra, e vira a medida para a ela.

Já Christo, tem a intenção de fazer com que as pessoas percebam algo que não percebiam antes da sua intervenção, é por esse motivo que suas obras têm caráter efêmero. Sua forma de atuação, é a embalagem de elementos da cidade ou da natureza, a fim de estruturá-lo ao olho humano, focando na sua forma, para a partir de aí o olhar começar a perceber com mais intensidade os objetos, como funcionam, como é sua composição e relação com a natureza ou a cidade.

Essas obras possuem em comum a vontade de estimular a experiência estética adormecida nos habitantes da cidade, e com isso lhe dar autonomia, os colocando como a peça principal da obra, buscando, com isso, alargar a percepção dos atores diante das formas urbanas cotidianas. Outra semelhança, é a sedução que elas proporcionam, que tem como objetivo mobilizar o corpo a incluir-se fisicamente e sensorialmente a elas, possibilitando uma vivência que pode causar sensações conhecidas ou desconhecidas.

Assim sendo, minha proposta é que o corpo que vivencie a obra, consiga durante a experiência, atualizar uma memória quase que inconsciente, uma subjetividade, que não precisa necessariamente ter acontecido naquela área da cidade, mas que seja relevante e, pode ser renovada na experiência do acontecimento.

Além disso, a valorização da memória do sujeito, assim como o desenvolvimento da subjetividade, torna-se uma forma de resistência diante de alguns problemas que assombram os habitantes da cidade contemporânea, como a crescente amnésia, a dificuldade de conceder linearidade narrativa ao vivido e, produzir histórias e memórias em espaços urbanos.

Assim, o projeto por meio de intervenções urbanas, consegue tocar nas problemáticas postas inicialmente, que é a espetacularização da cidade, junto com a crescente desatenção dos habitantes diante dos espaços que convivem diariamente. Uma vez que, a arte urbana, quando atua em um âmbito mais crítico, consegue criar um espaço de resistência aos projetos espetaculares, e ainda desperta a população para os acontecimentos cotidianos.



Parangollé de Helio Oiticica
 Fonte: JACQUES. Estética da
 Ginga, 2001

Árvores-embrulhadas
 Park Riehen Switzerland
 1997-98
 Fonte: christojeanneclaude.net



A line made by a walking
 Inglaterra, 1967
 Fonte: richardlong.org

PROCESSO

Minha intenção com trabalho é estimular a identificação entre as pessoas e os espaços, vislumbrando a formação de um lugar antropológico, a partir de experiências subjetivas, que são capazes de recordar memórias e formar outras novas, criando afeto e identificação com o espaço. Assim, com o fortalecimento dessas relações, inicia-se a construção de um espaço de resistência diante a espetacularização da cidade e, principalmente, da área da Pedreira.

Por esse motivo, o trabalho não se trata de uma estrutura que se divide em intervenções temporárias, muito menos da construção de um espaço que agrega toda a estrutura, mas o trabalho pretende ser um exercício urbano social que cria um local para a sociedade pensar no seu próprio espaço. O objetivo do trabalho é, portanto, propor um processo de transformação dos corpos que habitam a cidade.

Assim, como todo processo, há uma sequência de acontecimentos que ocorrerão para se chegar na transformação esperada. A primeira e a segunda etapa, começam com as intervenções temporárias, que são os elementos propulsores da mudança, elas têm por objetivo mobilizar os habitantes a fazer parte desse processo. Já a terceira etapa, se tem o agrupamento das estruturas que compõe as intervenções temporárias em uma praça permanente, essa junção dos acontecimentos, permite uma mudança observada por aqueles que fizeram parte do desenvolvimento.

Com isso, o projeto segue a ideia da reverberação, pois busca a persistência da ação, ou seja, a continuação da transformação e da criação de um espaço de resistência, mesmo após a saída das intervenções que estimulam essas mudanças do corpo. Espera-se que as experiências subjetivas, causadas pelas intervenções, transformem o modo como vemos o espaço e que continuem acontecendo mesmo sem as intervenções que proporcionam essas subjetividades.

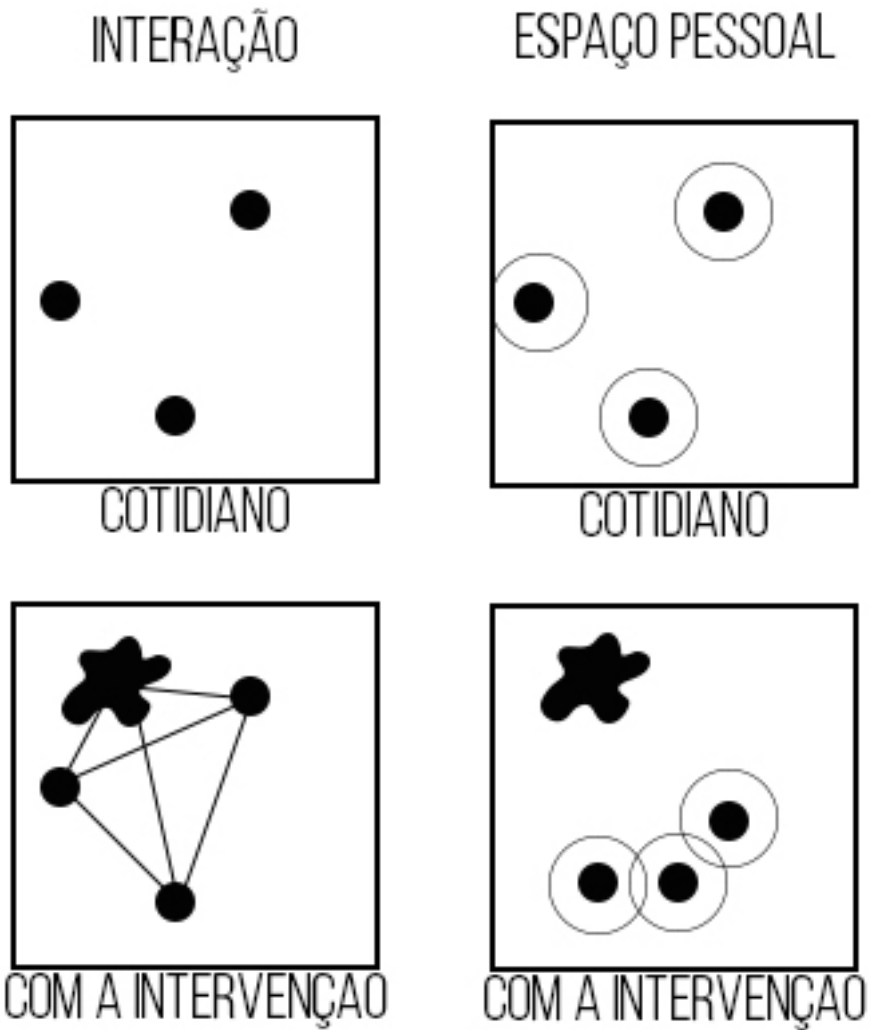
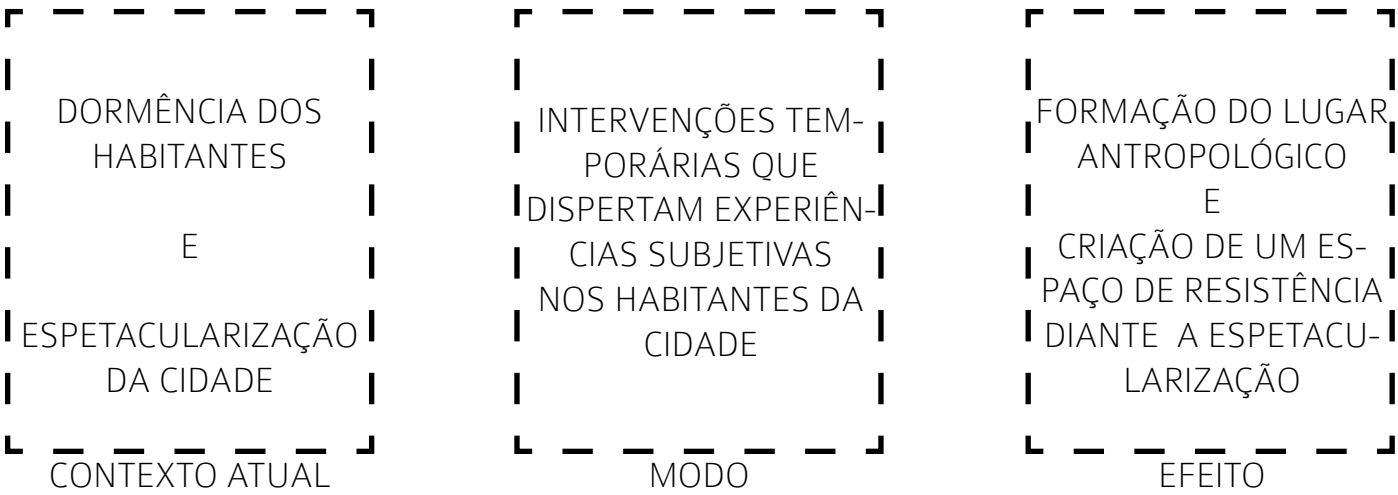
RELAÇÃO ENTRE OS ATORES E OS ELEMENTOS DA CIDADE

As cidades do passado, ofereciam uma série de conexões entre seus habitantes, assim como, entre as pessoas e os elementos imóveis da cidade, efeito da sua malha urbana, do seu ritmo lento, entre outros aspectos, que de alguma forma foram perdidos na cidade contemporânea, seja pelo desenho urbano mais retilíneo, suas grandes avenidas ou as longas distâncias, que fazem com que as pessoas fiquem cada vez mais insensíveis nas suas relações urbanas.

Porém, uma das formas de proporcionar novas conexões na cidade da pressa, é a inserção temporária de um novo elemento em um espaço público pré-determinado¹³. Assim, esse espaço, além das funções que já desenvolve normalmente, passa a ter outra atividade, estranha, mas compatível com o lugar, permitindo novas relações entre os habitantes. Pois, além da interação que ocorre entre a intervenção e as pessoas, ela faz com que as pessoas interajam entre si, aproximando os habitantes da cidade e vitalizando os espaços urbanos. Além disso, a presença de uma intervenção temporária, permite também a ligação entre as pessoas e as partes fixas da cidade, como prédios, ruas, praças, entre outros.

Portanto, as intervenções temporárias são uma forma de ativar os corpos passivos e reduzir o espaço pessoal entre eles, que é uma área com limites invisíveis que cercam os habitantes, na qual pessoas desconhecidas não podem entrar. Porém, um estímulo externo, faz com que as pessoas passem a agir de forma diferente do habitual, por exemplo, fazendo duas pessoas estranhas iniciarem uma conversa sobre a intervenção, promovendo um contato entre elas como se fossem conhecidas. Do mesmo modo, acredito que a maneira com que o carro se comporta diante das intervenções será diferente do habitual.

O PROCESSO : TEM POR OBJETIVO TRANSFORMAR O MODO COMO AS PESSOAS CONTEMPORÂNEAS SE RELACIONAM COM A CIDADE, VISANDO A IDENTIFICAÇÃO DAS PESSOAS COM OS ESPAÇOS URBANOS.



Esquemas sintetizando o conteúdo
Fonte: Acervo Pessoal

INTERVENÇÕES

O ponto de partida para a concepção das intervenções, foram as minhas experiências objetivas e subjetivas na área da Pedreira, assim como, minhas motivações e inquietações.

Quanto a duração das intervenções temporárias, elas seguem o tempo lunar, a intenção é fugir do tempo cotidiano, ao qual estamos habituados e, que nos coloca em um automatismo onde nossa vida é marcada pela passagem das horas, dos dias, das semanas, dos meses, etc.

Por isso, a primeira etapa do processo, acontecerá na rua Tiradentes, onde observei um tempo acelerado, ritmado. Portanto, a intenção é perturbar essa ordem presente no espaço, buscando descompassar o tempo, desacelerar e fazer perder o ritmo. Como essa etapa marca um começo, atuará durante a lua nova, a mais indicada para rituais de iniciação, além de ser a lua ideal para experimentarmos formas diferentes de fazermos as coisas.



Mapa da região da Pedreira, com
Rua Tiradentes em destaque.

Dando continuidade ao processo, a segunda etapa está localizada em trechos da rua Victor Meireles, Nunes Machado e Saldanha Marinho, em pontos que foram percebidos por mim como inseguros e desapropriados pelo corpo. Portanto, essa fase é caracterizada por intervenções que convidam o corpo a se apropriar do espaço e instigue a vivência nessas ruas. Por isso, além de estimular a apropriação, a intervenção dará domínio do corpo sobre o espaço, incentivando formas de reinventá-lo e novos modos de se apropriar dele. Como essa fase se caracteriza como uma continuação de algo já começado, atuará na área durante a lua crescente, que é ideal para rituais de crescimento, além disso, é favorável para atividades que se busca o comparecimento do público.



Mapa da região da Pedreira, com os trechos da Rua Victor Meireles, Nunes Machado e Saldanha Marinho em destaque.

Vale lembrar que a primeira e a segunda etapa, não ocorrem simultaneamente, uma vez que ambas utilizam a mesma estrutura para compor suas intervenções. Portanto, a primeira etapa necessita ser desmontada, para que em seguida ocorra a montagem da segunda. Do mesmo modo, a última etapa do processo ocorre após a desmontagem da segunda etapa e também utiliza a mesma estrutura para se constituir.

Assim sendo, a última etapa desse processo de transformação, se dá com a junção das estruturas das intervenções anteriores em uma praça e, tem a intenção de confirmar a ação, pontuando fisicamente um espaço de resistência. Essa obra fica como marca simbólica, relembrando constantemente as experiências vividas e retomando as subjetividades criadas, além de reforçar a identificação com o lugar e o colocar como ponto central da resistência a espetacularização da Pedreira.



Mapa da região da Pedreira, com o pátio da antiga Escola Antonieta de Barros em destaque.

Essa parte final, ocorre durante a lua cheia, que é a fase mais indicada para momentos de confirmação e encerramento. Além disso, essa lua torna as pessoas mais sensíveis e receptivas, mais ligadas ao inconsciente e as emoções, durante essa lua nossas sensações se aguçam, por isso, é o melhor momento para encerrar o processo e, incentivar essa transformação interna dos habitantes, como uma forma de resgatar elas da dormência da vida cotidiana.

Assim, é a partir do encerramento desse processo de transformação das pessoas, que um novo se inicia, aquele onde as mudanças começam a se realizar a partir da consciência dos próprios habitantes.

INTENÇÕES DE CADA ETAPA :

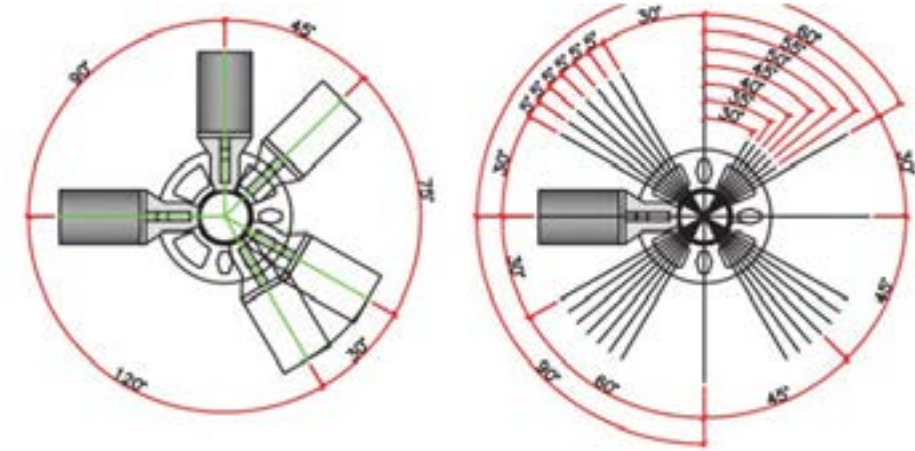
1ª ETAPA	2ª ETAPA	3ª ETAPA
BUSCA DESPERTAR O HABITANTE DA DORMÊNCIA	BUSCA PROPORCIONAR O DOMÍNIO DO HABITANTE SOBRE O ESPAÇO URBANO	BUSCA PROMOVER A IDENTIFICAÇÃO ENTRE HABITANTE E ESPAÇO
ATRAVÉS DA	ATRAVÉS DE	ATRAVÉS DA
DESACELERAÇÃO DO RITMO APRESSADO QUE A CIDADE CONTEMPORÂNEA MPÔE	DIFERENTES FORMAS DE OCUPAÇÃO DO ESPAÇO	CRIAÇÃO DE UM NOVO ESPAÇO QUE FORTALECE OS USOS JÁ PRESENTES NA ÁREA.
A FIM DE	A FIM DE	A FIM DE
MODIFICAR O OLHAR E O MODO COMO ELE SE RELACIONA COM A CIDADE	FAVORECER A PARTICIPAÇÃO DO HABITANTE NA CONSTRUÇÃO DO ESPAÇO.	FORMAR UM ESPAÇO DE RESISTÊNCIA A ESPETACULARIZAÇÃO.

A fim de utilizar a mesma estrutura para compor as diversas intervenções desse processo, busquei um sistema estrutural que permitisse diferentes arranjos e encaixes utilizando um mesmo número de peças. Por isso, a estrutura de todas as instalações é feita com o sistema de andaimes multidirecionais, que possibilita a formação de diversas geometrias e alturas se adaptando a qualquer concepção formal.

A estrutura é composta por postes verticais que possuem discos de encaixe a cada 50 cm e, por travessas horizontais que podem ser usadas como elemento estrutural, suporte para apoio de piso ou ainda guarda corpo. Também faz parte da estrutura as travessas diagonais de contraventamento, que são usadas para estabilizar a estrutura e ainda reforçar os elementos verticais.

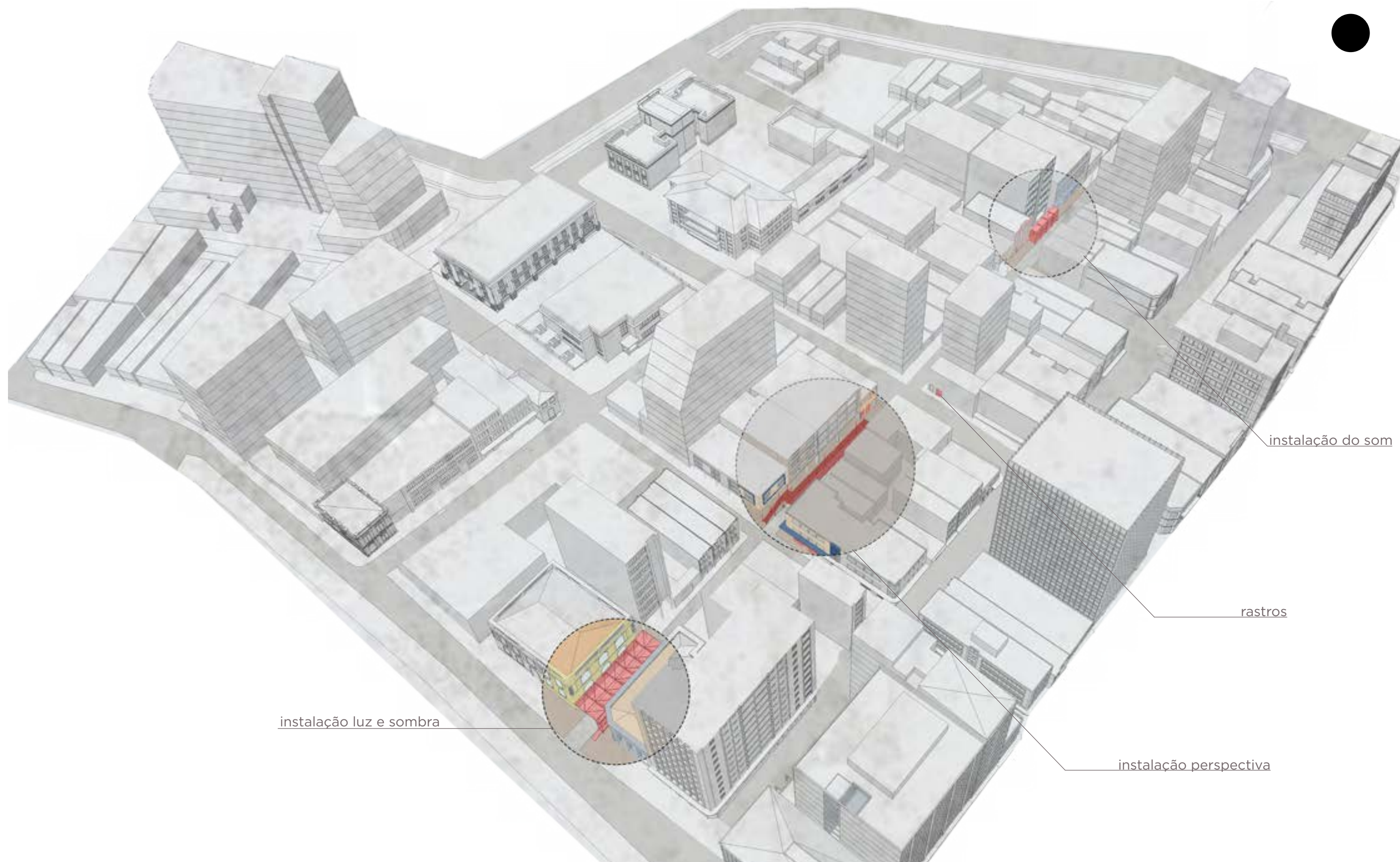
O sistema de fixação dessa estrutura, se dá a partir de um disco de aço laminado com oito furos que se conecta com as travessas em ângulos retos, que se ajustam automaticamente no momento do encaixe da cunha, ou conexões com ângulos variados entre 30° e 60°. Já a fixação com a base se dá com sapatas ajustáveis, que compensam os desníveis do piso nos diferentes pontos de apoio do andaime, o ajuste é feito a partir de uma porca borboleta.

Vale lembrar que esse sistema compõe a base de cada intervenção, porém, além dos andaimes, as instalações possuem outros elementos que compõem espacialmente cada uma delas, como placas metálicas, lonas, entre outros materiais. Esses elementos são fixados aos andaimes e trazem particularidade e marcam a intenção de cada instalação.

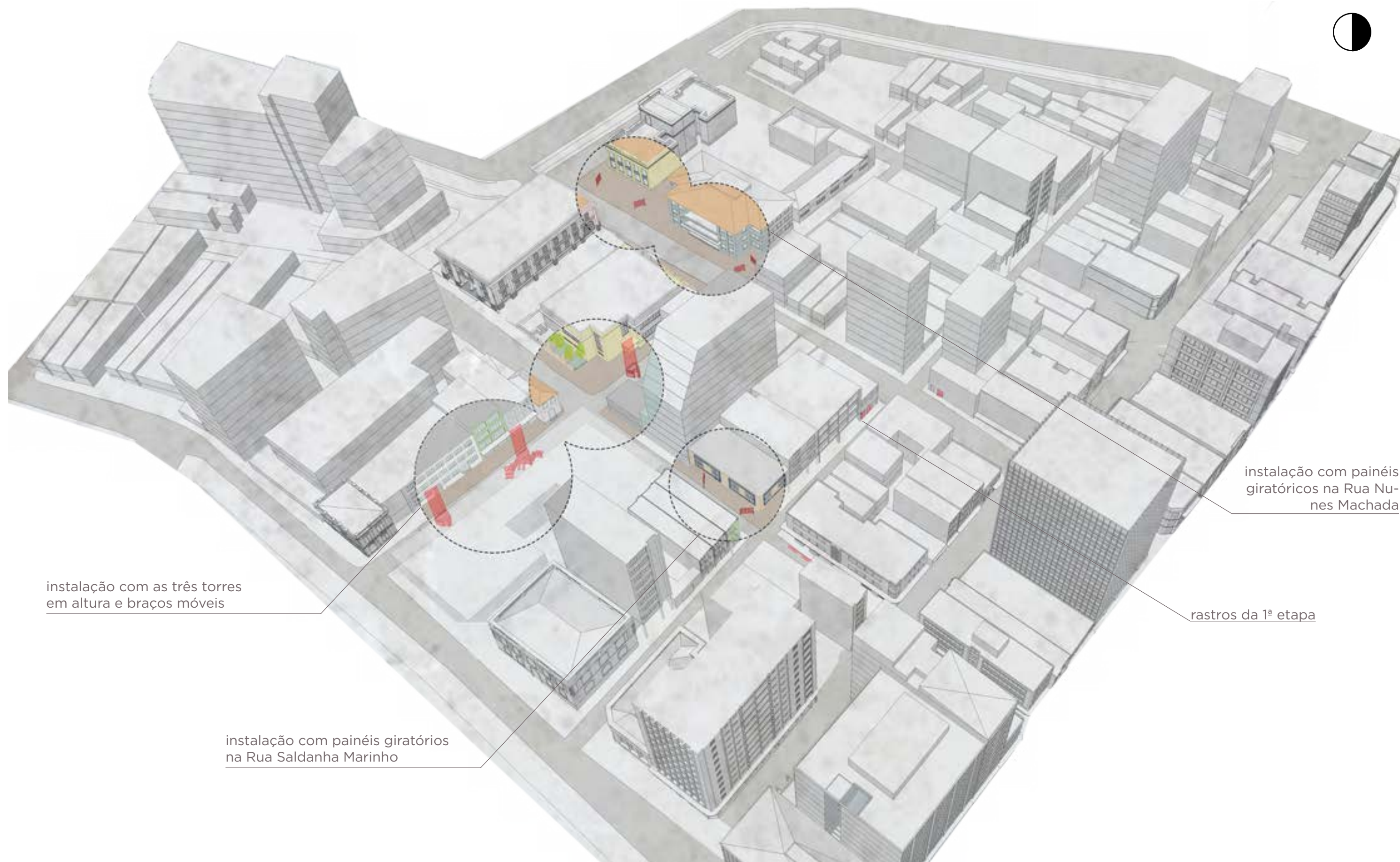


Sistema de fixação e encaixe do andaime multidirecional.
Fonte: Pemax Estruturas Metálicas

PRIMEIRA ETAPA



SEGUNDA ETAPA



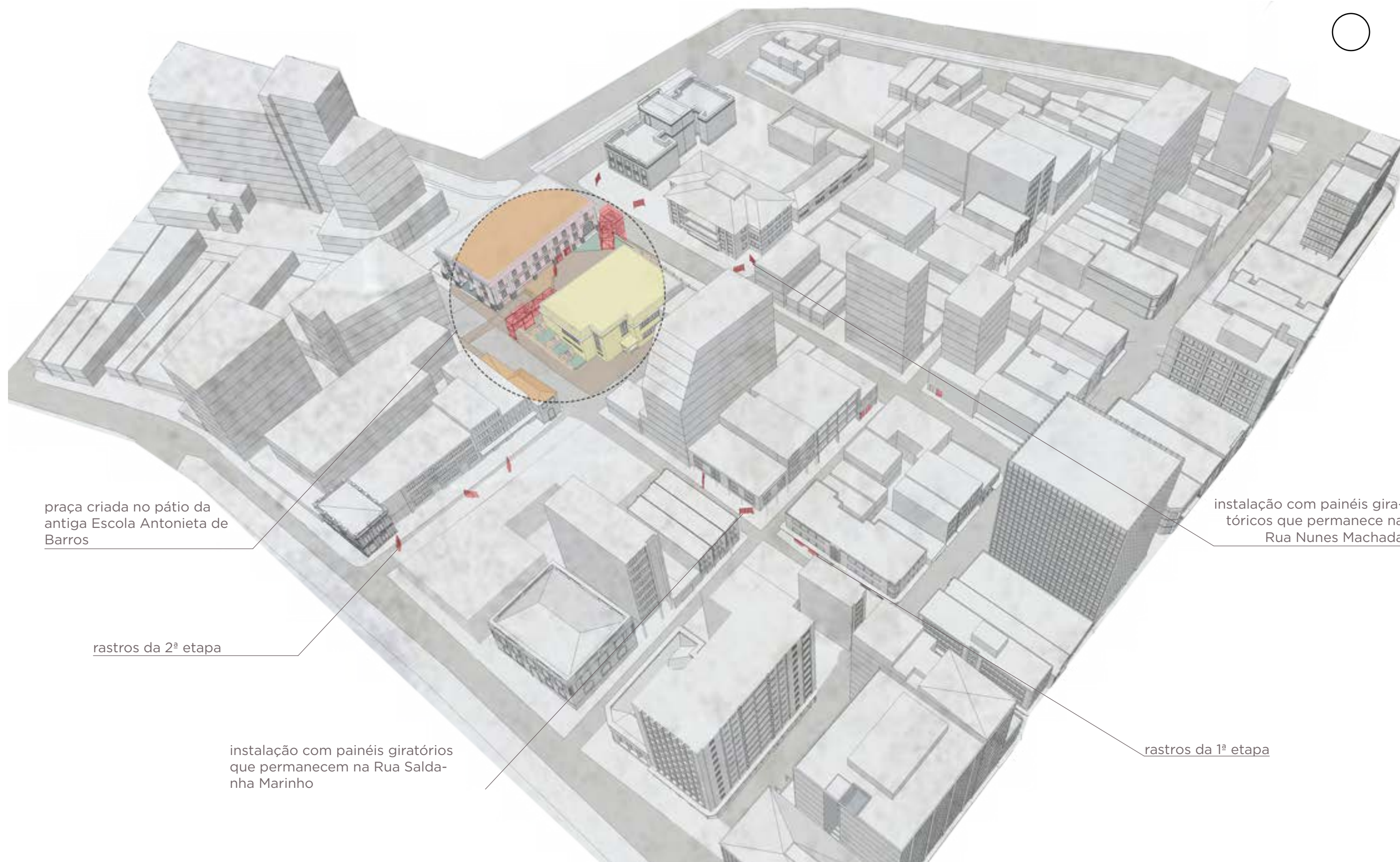
instalação com as três torres
em altura e braços móveis

instalação com painéis giratórios
na Rua Saldanha Marinho

instalação com painéis
giratórios na Rua Nu-
nes Machado

rastros da 1ª etapa

TERCEIRA ETAPA



praça criada no pátio da
antiga Escola Antonieta de
Barros

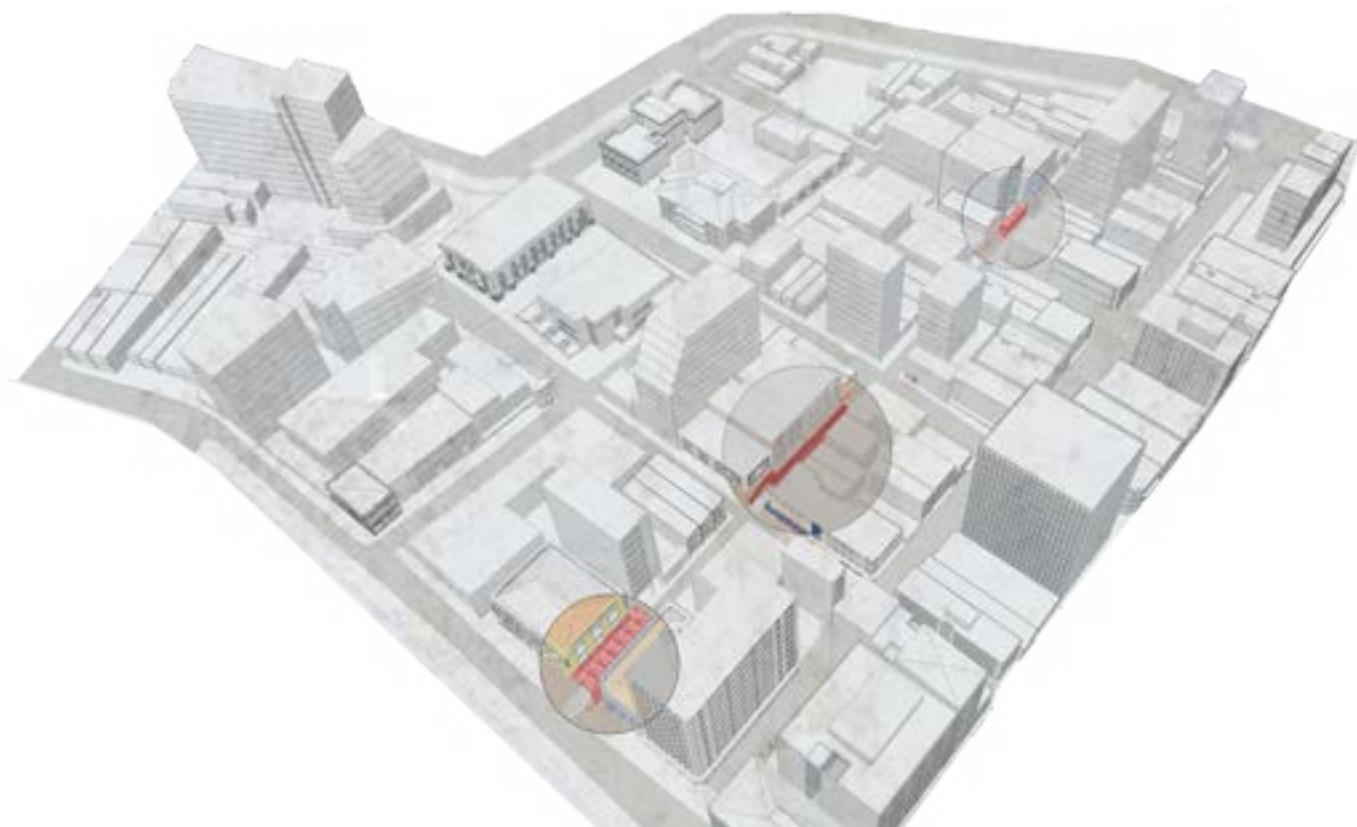
rastros da 2ª etapa

instalação com painéis giratórios
que permanecem na Rua Salda-
nha Marinho

instalação com painéis gira-
tórios que permanece na
Rua Nunes Machado

rastros da 1ª etapa

PRIMEIRA ETAPA



Como já exposto, a primeira etapa do processo, ocorre na Rua Tiradentes com instalações em três pontos distintos. Esses locais foram escolhidos pois neles se encontram rugosidades, marcas que cotidianamente passam despercebidos aos nossos olhos e, portanto, ficam constantemente esquecidos. Por isso, as três instalações têm a intenção de desacelerar os corpos que passam apressados pelas histórias e memórias dessa rua. Além disso as instalações trabalham com sensações relacionadas a mudança de luz, perspectivas e som, utilizando esses elementos subjetivos para atingir e mobilizar os atores dessa rua.

Vale destacar que as experiências por mim vivenciadas ao longo da Rua Tiradentes, foram muito estimadas, seja pelo movimento, seja pela sua configuração, seja pelos seus transeuntes. Porém, essas experiências foram possíveis, porque me encontrava numa posição de atenção aos menores acontecimentos do espaço. Entretanto, foi perceptível, como muitos que circulam por ali não se colocam nessa mesma postura de apreensão, por isso, as intervenções buscam facilitar as experiências subjetivas para aqueles que se encontram adormecidos.

O primeiro ponto escolhido é a Antiga Casa de Câmara e Cadeia, o projeto é do arquiteto Tomás Francisco da Costa e, assim como todas as Casas de Câmara e Cadeia do Brasil Colônia, seguem a conveniência portuguesa, onde no andar térreo continham os infratores da lei, escravos, rebeldes e loucos, já no piso superior, encontrava-se o Paço da Câmara e do Senado.

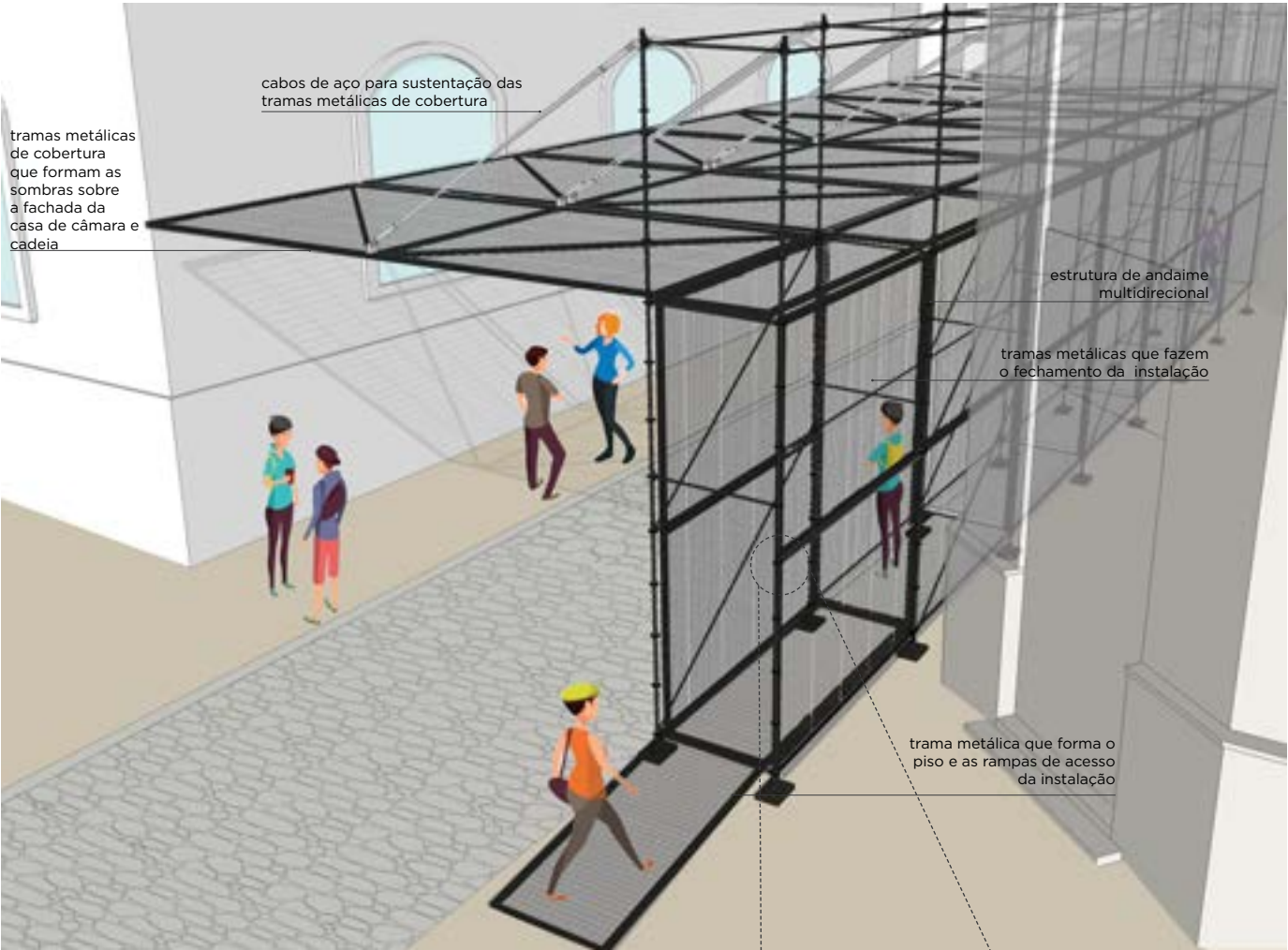
Quanto às suas características arquitetônicas, o edifício era inicialmente um sobrado tipicamente colonial e, após uma reforma, ganhou decoração eclética, com elementos barrocos, conforme o modismo da época.

A cadeia foi desativada em 1930, devido à construção da Penitenciária Estadual no bairro Agrônoma. Em 1984 foi tombado por lei municipal, e até 2005 foi ocupado pelo Poder Legislativo Municipal. Atualmente está passando por uma nova reforma, para abrigar o Museu da História da Cidade de Florianópolis.

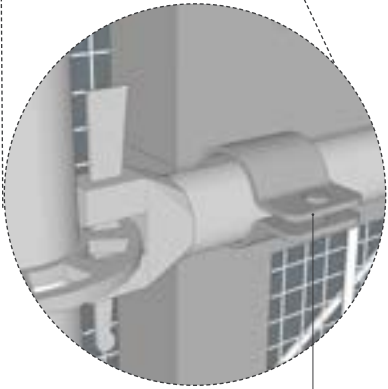
Apesar de sua relevância civil muito grande, esse local também povoou a imaginação da população da capital, devido às histórias dos seus prisioneiros. Por isso, essa instalação, utiliza-se da luz, que neste caso representa o poder, e a sombra, que remete à população oprimida. Além disso, busquei trabalhar com a luz e a sombra devido às minhas experiências com esses elementos no bairro da Pedreira, e principalmente na Tiradentes, pois, a mudança de iluminação ao longo de um dia, altera o fluxo da rua, seus usuários, e sua atmosfera. A instalação, ainda recorda uma memória do passado e proporciona uma experiência subjetiva devido às suas mudanças de luminosidades.

Portanto, a intenção da instalação é intervir nos três planos de um espaço, paredes, teto e chão, por isso ela é composta por duas partes, uma horizontal e uma vertical, fechadas com uma trama metálica vazada, que sombreia o chão e a fachada da Casa de Câmara e Cadeia, a intenção aqui, é criar uma gaiola ao longo da fachada lateral do edifício. Dependendo da posição do sol, a gaiola é conformada por elementos físicos e incorpóreos, além disso, a luminosidade altera a atmosfera da instalação, fazendo com que em um mesmo dia, a instalação se modifique aos olhos de quem por ali passar, assim a experiência nunca dará por completo, sendo compreendida por momentos.

INFORMAÇÕES TÉCNICAS - ETAPA 1 - INSTALAÇÃO LUZ E SOMBRA



QTDE	
48	POSTE VERTICAL DE 2M
56	TRAVESSA HORIZONTAL DE 3M
32	TRAVESSA HORIZONTAL DE 1,10M
14	TRAVESSA DIAGONAL
16	SAPATAS AJUSTÁVEIS
7	PLACA COM TRAMA METÁLICA 6X3 M
28	PLACA COM TRAMA METÁLICA 2X3 M
14	PLACA COM TRAMA METÁLICA 3X1,10 M



a fixação das tramas metálicas a estrutura de andaime multi-direcional é feita com abraçadeiras metálicas.

O segundo ponto escolhido foi quadra que liga as esquinas do Cursinho Preparatório Energia e a Liga Operária Beneficente.

A Liga Operária Beneficente fundada em 1891, serviu de opção cultural e de lazer para os trabalhadores da época, atualmente é um clube para adeptos do dominó. Logo após sua fundação criou-se uma biblioteca, provavelmente influenciada pela vinda dos imigrantes europeus que já possuíam o costume da leitura, que foi inaugurada em 1935, durante anos o acervo foi muito procurado pelos associados, porém já na década de 1990 encontrava-se em decadência. Foi a segunda biblioteca mais antiga de Florianópolis, possibilitando um espaço cultural, e tentou democratizar o acesso ao conhecimento e informação pelas camadas mais populares da sociedade.

A sede da liga operária, se encontra na rua Tiradentes desde sua fundação, porém, sua história de camufla entre os edifícios ao longo da via. Por isso, a intenção da instalação nesse ponto, é mudar a perspectiva do corpo em relação as arquiteturas que compõe a rua, uma vez que, no ponto de vista atual, em pé e em movimento, esse e outros locais, ficam encobertos diante nossos olhos.

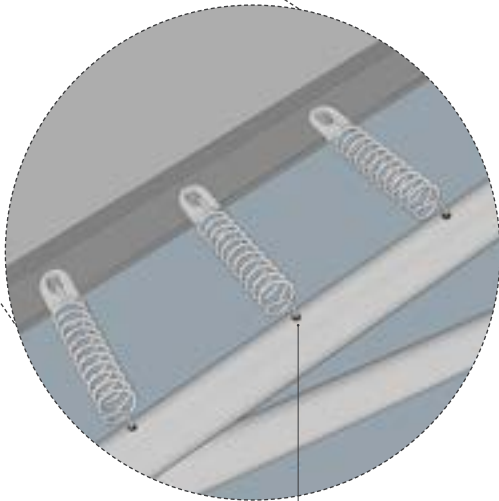
Assim, a fim de proporcionar ângulos distintos da rua, a instalação se constitui de uma estrutura que eleva o corpo dos transeuntes em relação a calçada, possibilitam aos atores outro panorama dos elementos que compõe essa via. Além disso, a instalação é composta por redes, que proporcionam posições diferentes, possibilitando que ele se deite, se sente, e ainda, ocupe uma área incomum.

A localização dos pontos de elevação, são junto a edifícios que possuem pilotis próximo a calçada, dando aos atores a opção de participar ou não da intervenção. Porém, independente da escolha, a instalação irá gerar algum impacto, pois aqueles que decidirem não subir, passarão abaixo da estrutura, e irão observar outros corpos sobre os seus, e ainda, na atitude de elevar seus olhos para cima, o ângulo de visão já se altera, e a percepção se torna distinta.

INFORMAÇÕES TÉCNICAS - ETAPA 1 - INSTALAÇÃO PERSPECTIVA



QTDE	
48	POSTE VERTICAL DE 2M
66	TRAVESSA HORIZONTAL DE 3M
12	TRAVESSA HORIZONTAL DE 1,10M
28	TRAVESSA DIAGONAL
34	SAPATAS AJUSTÁVEIS



a fixação da lona elástica no andaime multidirer-cional ocorre com molas tracionadas

O local escolhido para o terceiro ponto da intervenção se deu devido a presença da sede da Sociedade Musical Amor à Arte. A sociedade foi fundada em 12 de outubro de 1897 e tem sua sede na rua Tiradentes desde 1911. Entre as principais atividades da banda, está a procissão de passos e procissão em volta da praça XV que abre os festejos da festa de carnaval.

A sede foi adquirida em 1911 como uma casa térrea, e passou por uma reforma durante o governo de Adolfo Konder, na mesma época em que foram decretadas uma série de normas construtivas e, também, da construção da Avenida Hercílio luz. A sede além de local de ensaio é utilizada para reuniões da diretoria e, também, já sediou festas e reuniões de outras instituições.

O propósito dessa instalação, é utilizar a música como forma de pausar o corpo. Dispor de uma melodia que consiga prevalecer sobre o ruído causado pelo trepidar dos carros sobre o calçamento e, dessa forma, mudar o som predominante na área, alterando consequentemente, o modo como o corpo se comporta no espaço, de um modo similar a experiência por mim vivenciada.

Para tanto, a instalação vai funcionar como uma caixa musical, que possui um túnel de onde aparentemente o som está vindo, porém, ao adentrá-lo não será possível observar a banda, somente sua sombra, do mesmo modo, quem está fora do túnel, consegue ver a forma do corpo daqueles que por ali passam. Do lado de fora, sobre a sede, estará sendo projetado imagens que contam a história daquele local, assim, a ideia é instigar os olhos e ver o que não vemos cotidianamente, além de estimular outros sentidos além do da visão.

INFORMAÇÕES TÉCNICAS - ETAPA 1 - INSTALAÇÃO DO SOM



QTDE		QTDE	
10	POSTE VERTICAL DE 2M	2	CANHÃO DE LUZ
24	TRAVESSA HORIZONTAL DE 3M		
5	TRAVESSA HORIZONTAL DE 2M		
4	TRAVESSA DIAGONAL		
10	SAPATAS AJUSTÁVEIS		
2	PROJETORES		
4	SPOT DE LUZ		

Evidentemente, a primeira e a terceira instalação, terão horários distintos de experimentação, uma vez que, a primeira necessita da luz do sol para se realizar por completo, assim como a última, será melhor observada com a sombra da noite para sua completa realização. Esse desencontro, possibilita uma distinção de acontecimentos ao longo do dia e, conseqüentemente, consegue causar uma surpresa, por aqueles que passam por ali.

Juntamente as três instalações, outras pequenas intervenções ocorrem na rua Tiradentes neste período. Porém, ao contrário das instalações temporárias, se encontram de maneira difusa por toda a extensão da rua, além de serem permanentes, caracterizando-se como um rastro deixado pela intervenção. O objetivo desses rastros é o mesmo das instalações temporárias, pois criam formas de desacelerar o corpo, assim como facilitam uma apropriação existente na área.

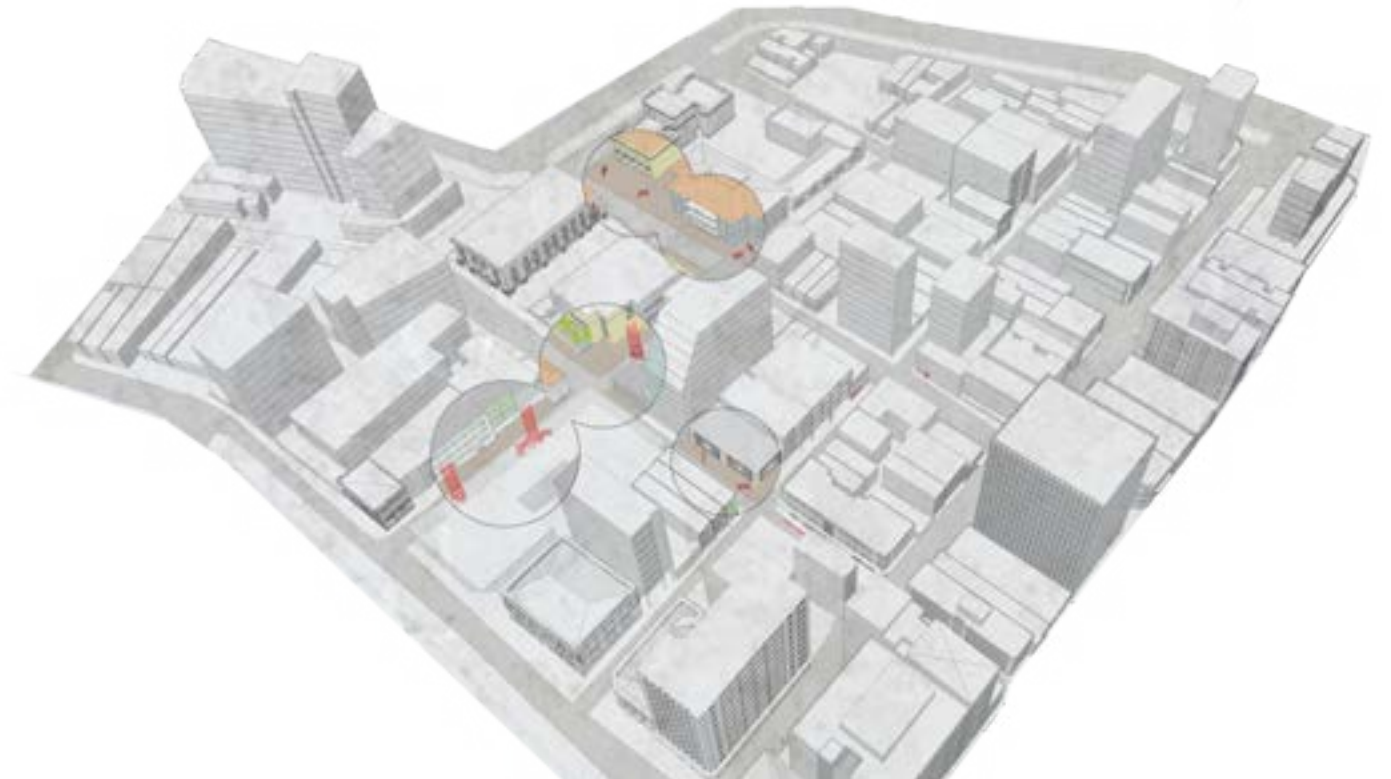
Assim sendo, os rastros ocupam as fachadas dos edifícios, que possuem reentrâncias em suas frentes, áreas que comumente já são ocupadas como bancos e pontos de encontro, por isso, a ideia dos rastros, é dispor de elementos que facilitem e estimulem ainda mais a permanência nesta rua, oferecendo mobiliários distintos para a apropriação.





Vista da Rua Tiradentes, durante a primeira etapa. Em primeiro plano a instalação perspectiva, ao lado, rastros em edifício.

SEGUNDA ETAPA



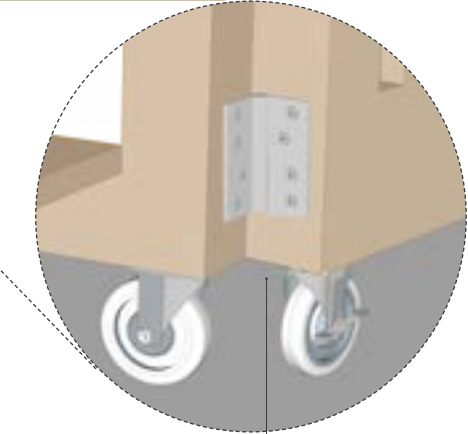
Como já exposto, a segunda etapa do processo de transformação, ocorre em trechos da rua Victor Meireles, Nunes Machado e Saldanha Marinho, ruas que durante minha experiência, passaram a sensação de insegurança e opressão devido à ausência de apropriação e, também, pela maneira que se configuram. Nota-se que nessas intervenções o que tento provocar são sensações contrárias às experimentadas por mim nestes locais, dando domínio do corpo sobre o espaço.

Vale lembrar, que devido a conformação da rua e, também ao tráfego de carros, as instalações são diferentes, embora a intenção seja a mesma, convidar o corpo a se apropriar e conformar o espaço e a paisagem. Por isso, na rua Victor Meireles, a instalação se dá por três estruturas triangulares em altura, que tem por objetivo chamar a atenção e fomentar a curiosidade dos frequentadores do centro. De cada estrutura, se abrem três eixos os quais possuem um gênero distinto: descanso, troca e descontração. Cada um desses eixos se abre, como uma sanfona, em painéis, onde possuem dentro de si formas que se descolam proporcionando um uso diferente. Porém, esses usos, assim como os ângulos formados pelos painéis, variam conforme a vontade dos corpos que se apropriam da instalação. Assim, a espacialidade conformada na rua, muda constantemente durante os dias da intervenção.

INFORMAÇÕES TÉCNICAS - ETAPA 2 - INSTALAÇÃO DAS TORRES

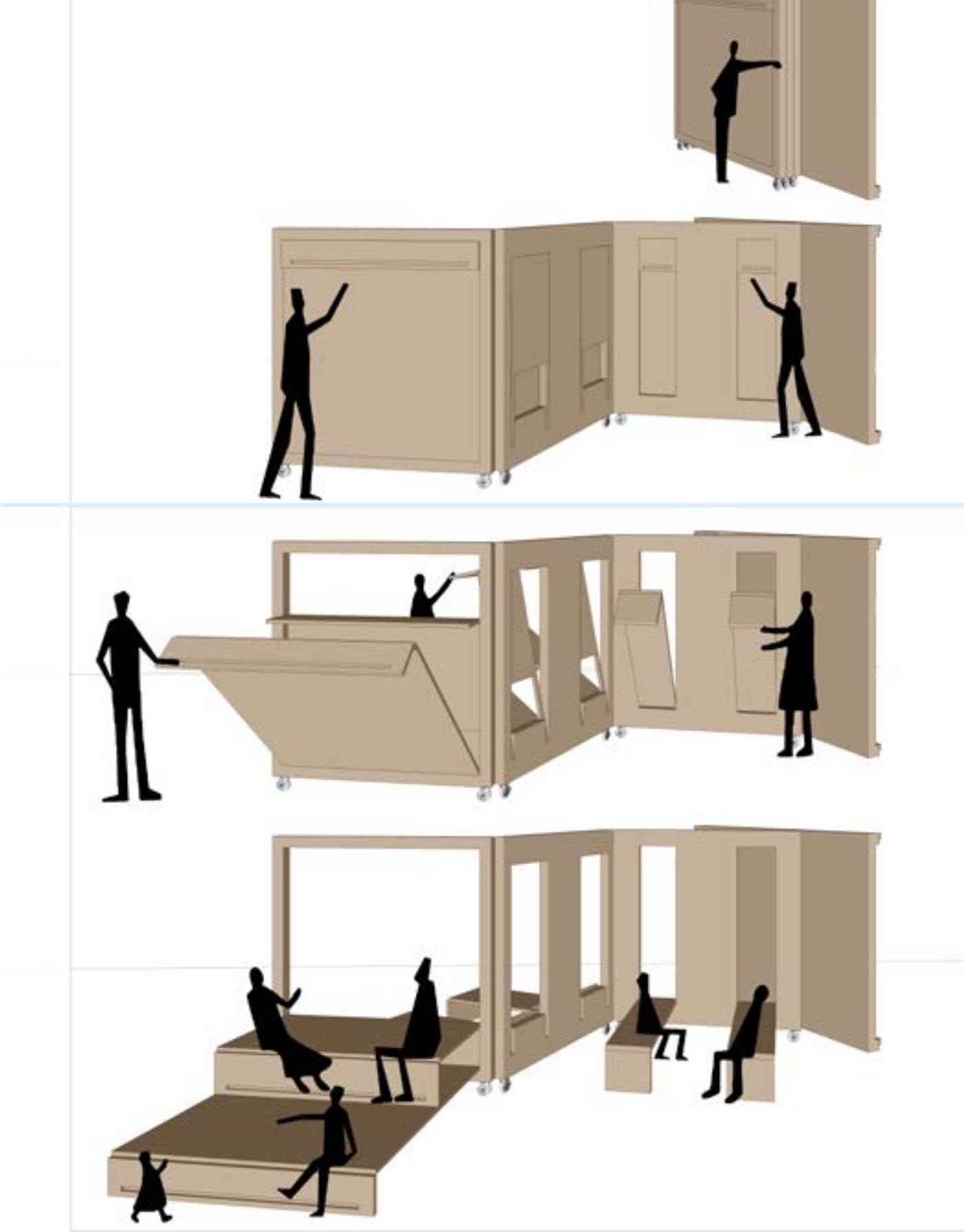


QTDE	
54	POSTE VERTICAL DE 2M
63	TRAVESSA HORIZONTAL DE 3M
18	TRAVESSA DIAGONAL
9	SAPATAS AJUSTÁVEIS
9	BRAÇOS SANFONADOS DE MADEIRA
54	ROLDANAS

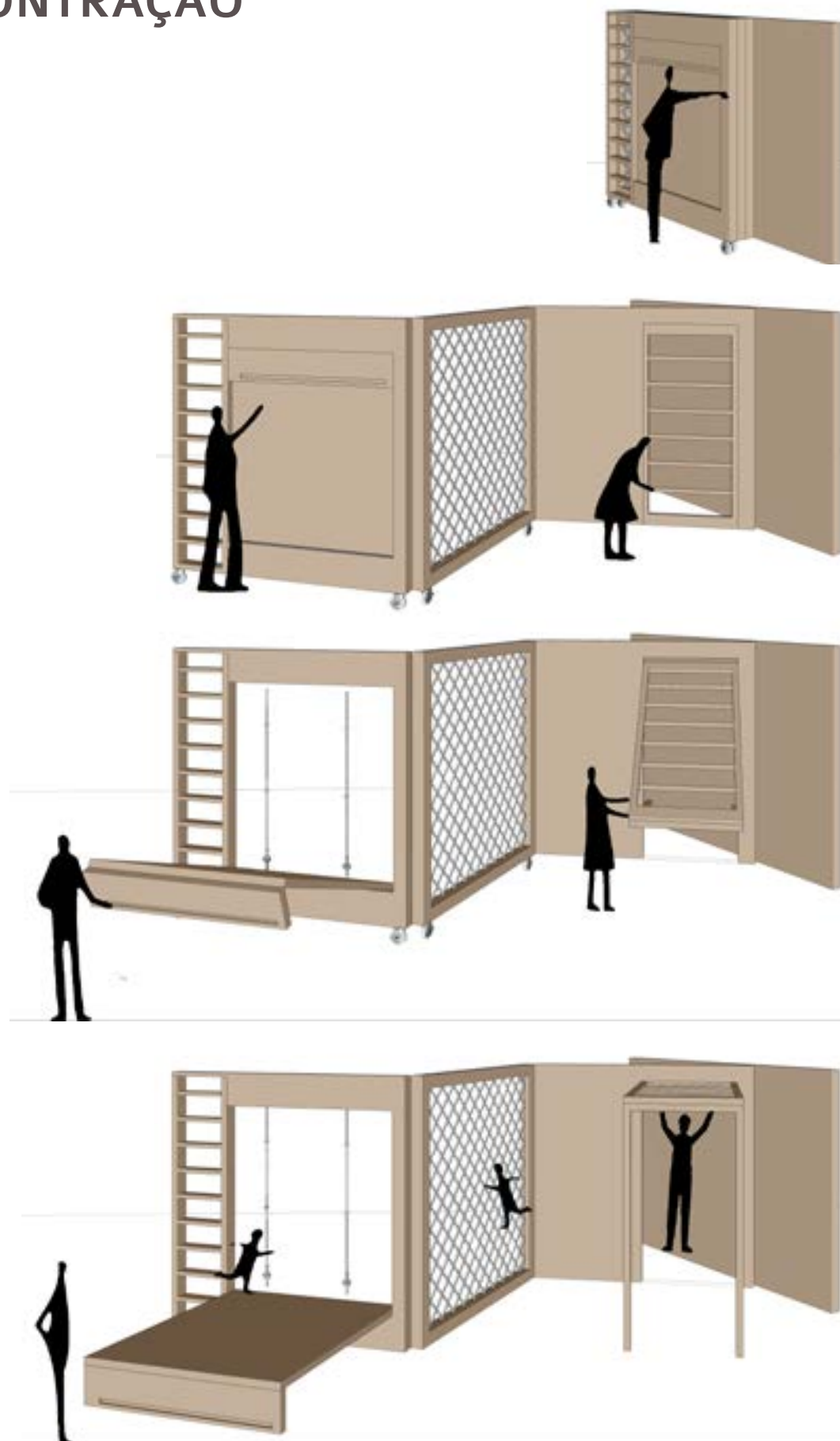


a mobilidade dos braços é feita por rodízio fixados na parte inferior, já a abertura se dá a utilização de dobradiças metálicas que se abrem até 180°

DESCANSO



DESCONTRAÇÃO



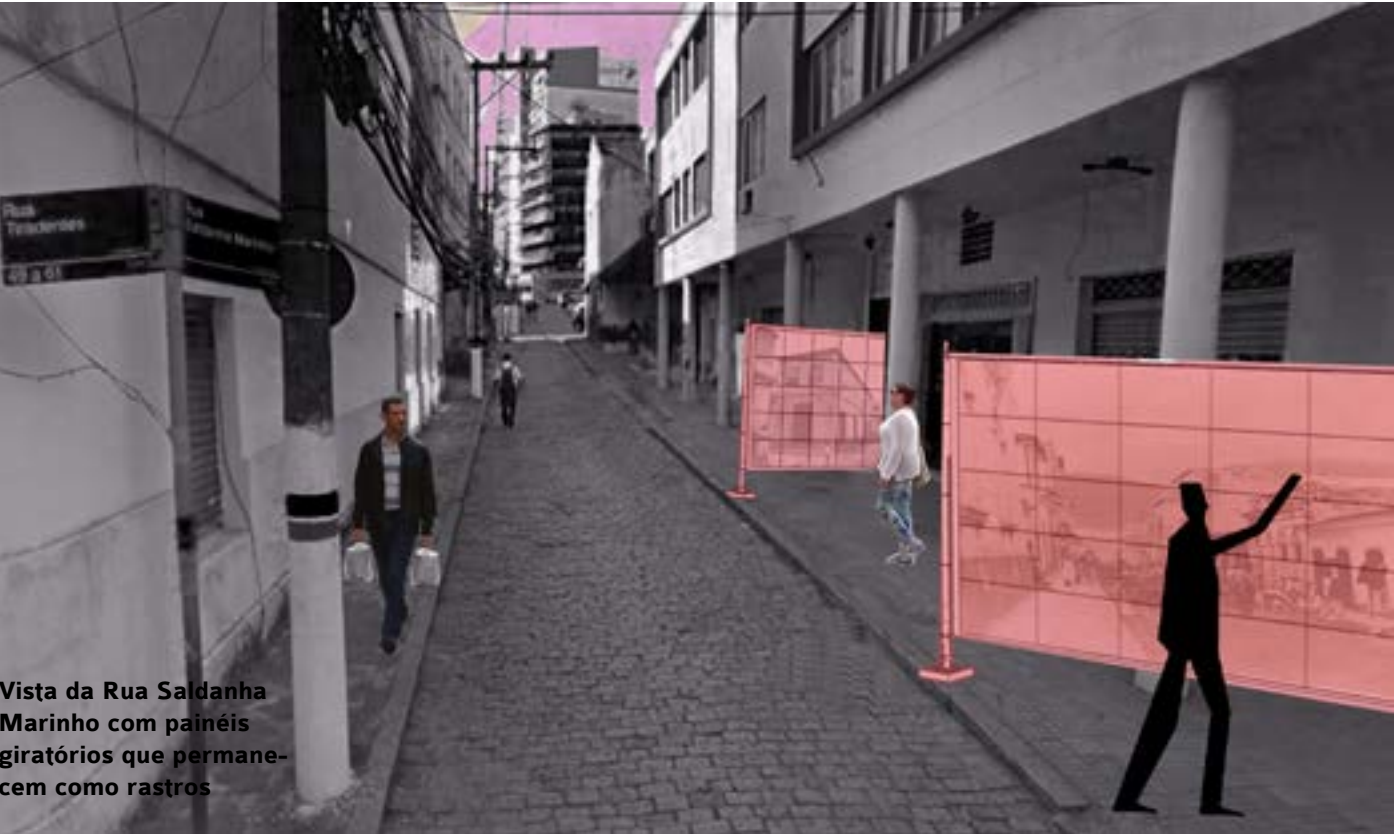
TROCA



Chegado ao fim da instalação, como rastro dessa etapa, fica um eixo de cada estrutura, mantendo no local, um suporte para cada uma das atividades que podem ocorrer na área.

Já nas demais ruas, a instalação convida o corpo a conhecer as camadas sobrepostas da cidade. Na rua Saldanha Marinho a instalação ocupa uma parte da calçada, compreendida entre as ruas Tiradentes e a Victor Meirelles, junto ao edifício do Energia que possui pilotis, assim a instalação não impede a circulação de pedestres. Na Nunes Machado, a instalação se localiza em frente ao edifício do Ministério da Fazenda, onde para ampliar a perspectiva da rua, foi proposto a retirada das grades, ocupando os jardins desse edifício público para a intervenção.

Essa instalação se conforma com painéis fixos que possuem uma imagem do passado que completa a mesma paisagem do presente. Porém, o painel ainda é subdividido em pequenos pedaços, onde é possível girar e formar uma imagem que mistura o presente e o passado. Como essa instalação é muito específica da paisagem que tem por trás dela, ela fica de forma permanente e se torna seu próprio rastro.

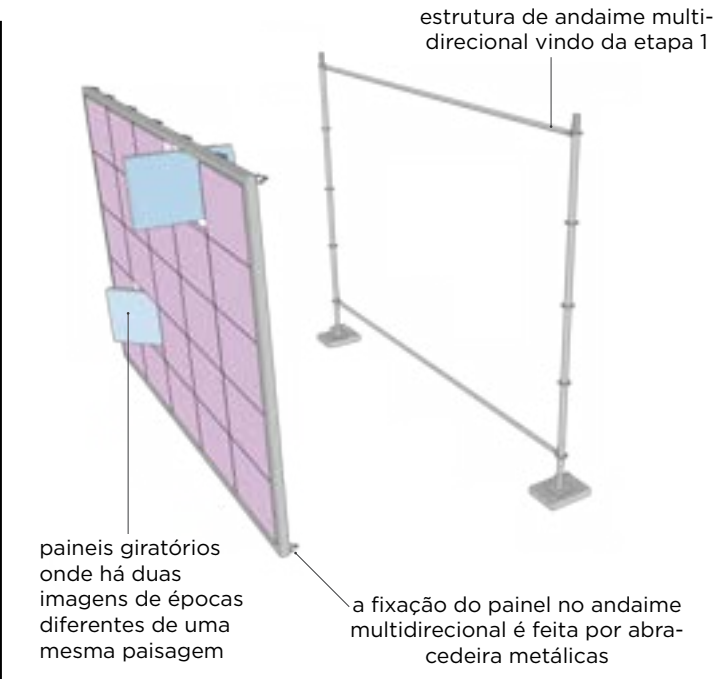


Vista da Rua Saldanha Marinho com painéis giratórios que permanecem como rastros

INFORMAÇÕES TÉCNICAS - ETAPA 2 - INSTALAÇÃO DOS PAINÉIS GIRATORIOS



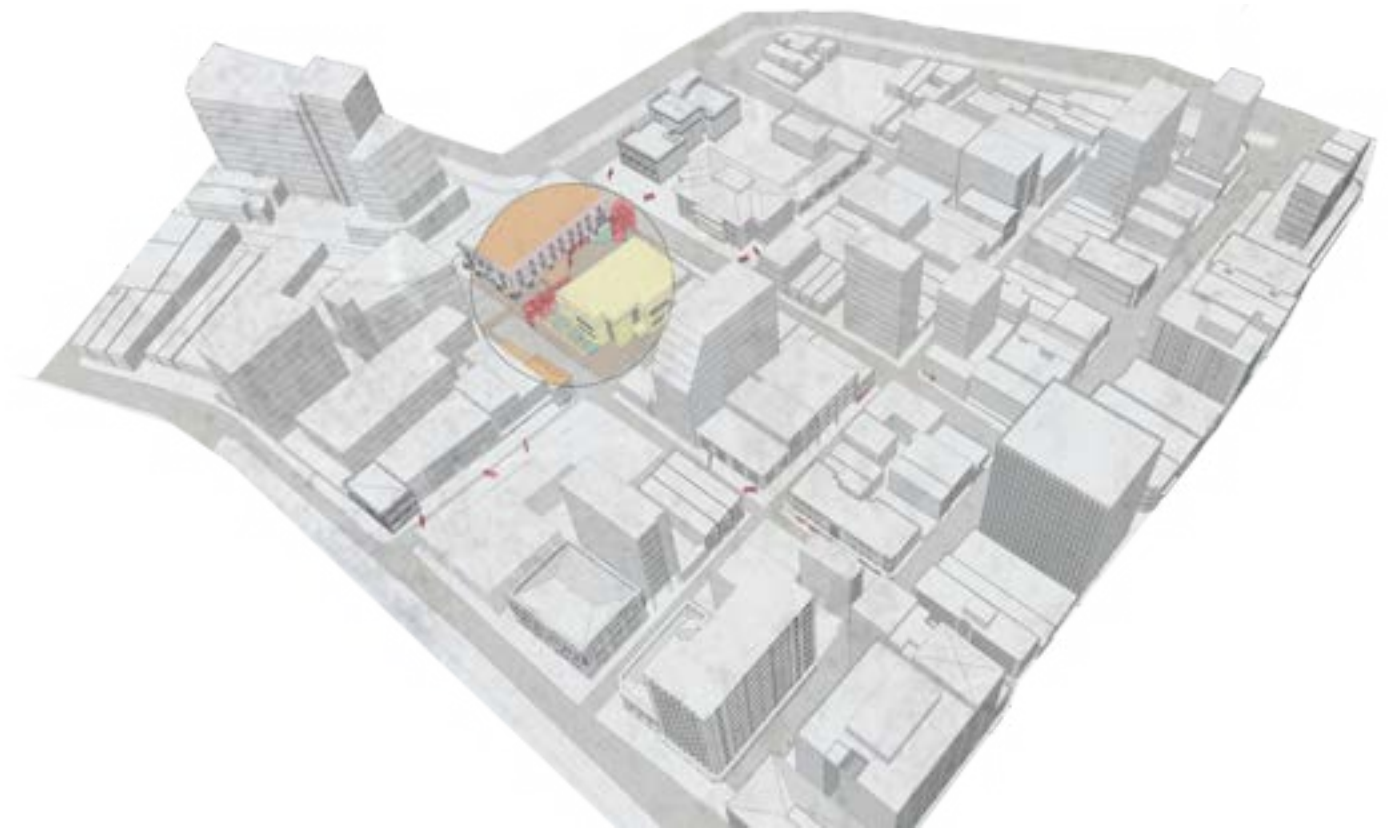
QTDE	
12	POSTE VERTICAL DE 2M
12	TRAVESSA HORIZONTAL DE 3M
2	SAPATAS AJUSTÁVEIS
6	PAINEIS COM 25 PEÇAS GIRATÓRIAS





Vista da Rua Victor Meireles, com braços sanfonados de madeira que ficam como rastro da segunda etapa

TERCEIRA ETAPA



A última etapa do processo, como já apresentado, se dá com a junção de grande parte das estruturas que compunha as instalações anteriores, em uma intervenção no terreno compreendido entre a antiga Escola Antonieta de Barros e o Museu da Escola Catarinense.

A escolha do terreno se deu, principalmente, pela importância que o nome da escola carrega, Antonieta de Barros foi a primeira mulher a conquistar a cadeira na assembleia legislativa do estado. Foi professora, jornalista e escritora, com apenas 21 anos criou um curso para reduzir o analfabetismo, abrindo caminho para sua carreira no magistério estadual. Exemplo de mulher negra, inspiradora, que não pode ter sua história esquecida.

Atualmente, o prédio que um dia abrigou a escola encontra-se abandonado, porém, o edifício ganhará novos usos, que foram considerados para concepção dessa intervenção. O edifício será sede da Escola do Legislativo que realiza cursos e atividade voltados a qualificação de servidores públicos, com o intuito de melhorar o funcionamento do poder legislativo e também abrigará o Programa Antonieta de Barros, um projeto que

beneficia e oferece cursos profissionalizante para jovens em condições de vulnerabilidade social, com o objetivo de os qualificarem profissionalmente.

A intenção com essa intervenção é criar um espaço livre, que prevaleça o domínio do corpo sobre o espaço, e ainda contenha as subjetividades e sensações geradas pelas intervenções anteriores. Assim, mesmo aqueles que não fizeram parte do processo, que não vivenciaram as outras intervenções, consigam entendê-lo e principalmente, consigam se identificar com o espaço.

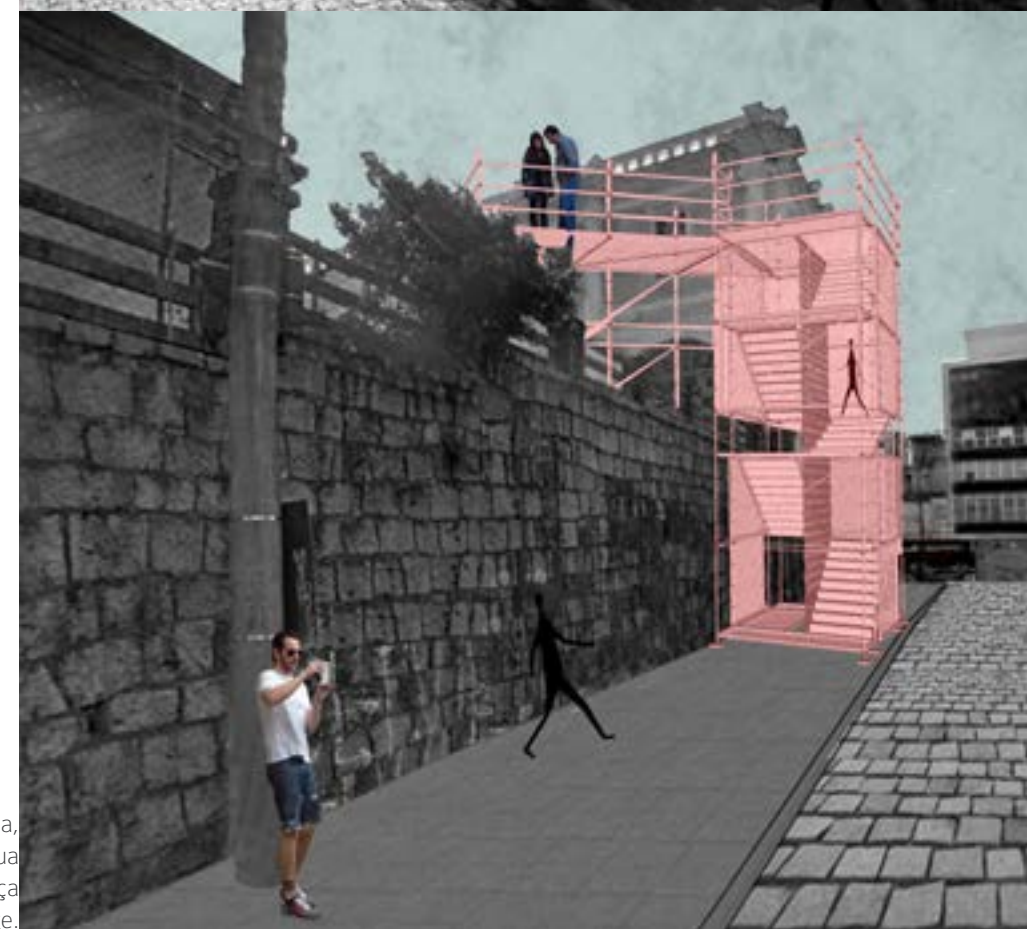
Portando, para essa intervenção foi proposto duas entradas que buscam facilitar o uso do terreno, além da abertura das escadas laterais já existentes da escola. Pode-se se dizer que as duas entradas são os pontos mais expressivos da praça, uma vez que elas se projetam da calçada para dentro do terreno, guiando o olhar, e também o corpo de quem por elas passam, até o centro da praça.

A primeira entrada foi aberta na rua Saldanha Marinho, onde após passar a rampa de acesso, chega-se até uma cobertura semelhante àquela da primeira etapa, que guia o ator até a parte mais interna da praça. Além disso, nessa entrada, foi proposto uma área de estar mais próximo à rua, facilitando o uso cotidiano, e que também pode servir de apoio aos visitantes do Museu da Escola Catarinense e do Museu Victor Meirelles. Já a segunda entrada, localizada na rua Nunes Machado, busca subverter a escala grandiosa do muro de pedras presente nesse trecho da rua. Portanto, essa entrada é composta por uma torre de escadas que leva o ator até o nível da praça e a um nível acima, pois em seu topo, forma-se um mirante, onde é possível ter outra perspectiva da própria praça, e também de todo o bairro.

A área interna da praça se caracteriza como um local menos propositivo, é um espaço mais amplo, onde é possível observar apenas uma diferenciação de texturas, possibilitando diferentes usos, deixando assim, o espaço mais aberto para uma apropriação livre dos atores. Nesse espaço ficarão ainda, distribuídos os braços sanfonados da segunda etapa que darão apoio para a ocupação de toda a praça em suas diversas atividades que futuramente terá

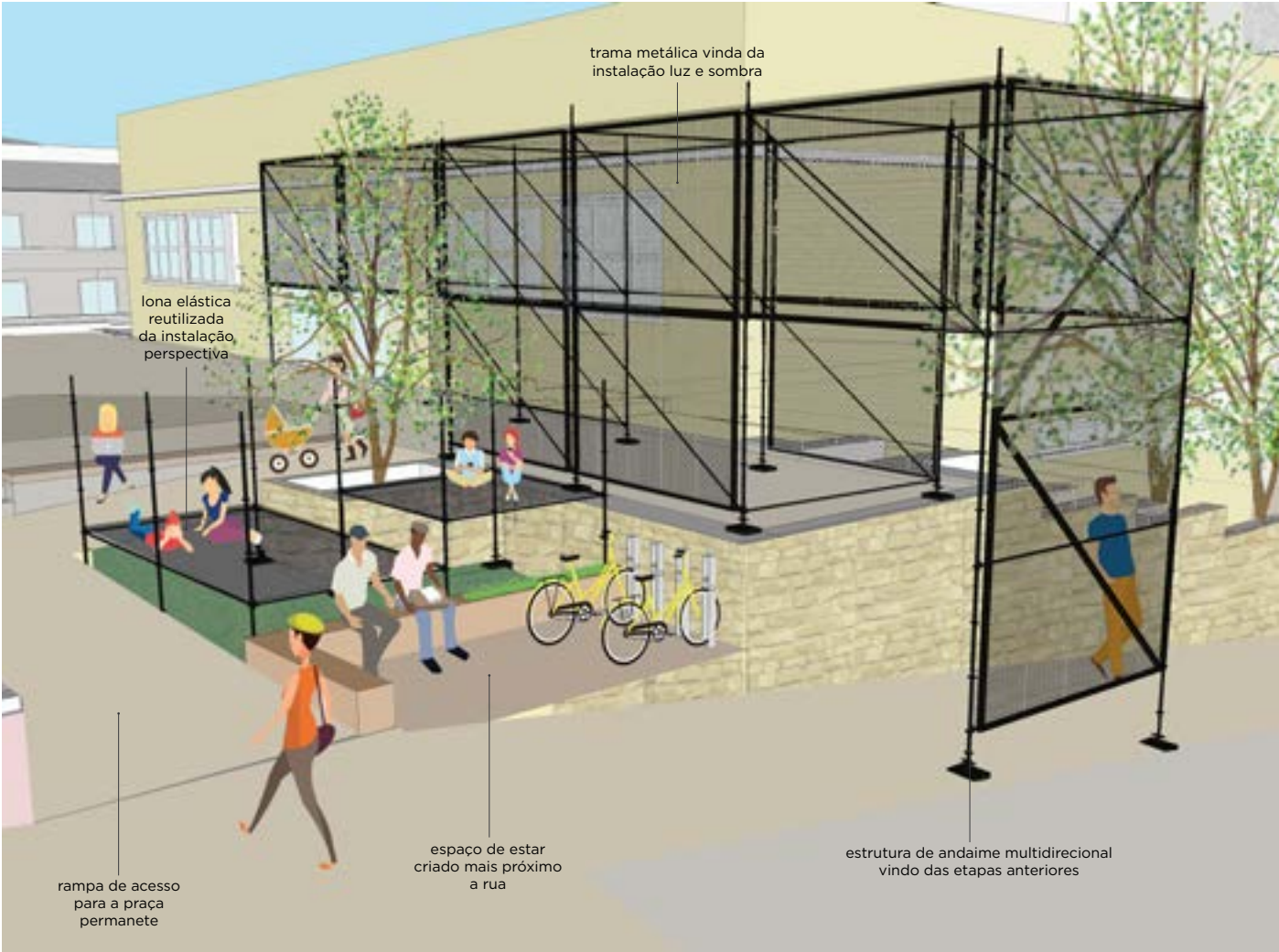


Vista da cobertura de entrada da Rua Saldanha Marinho para a praça permanente.



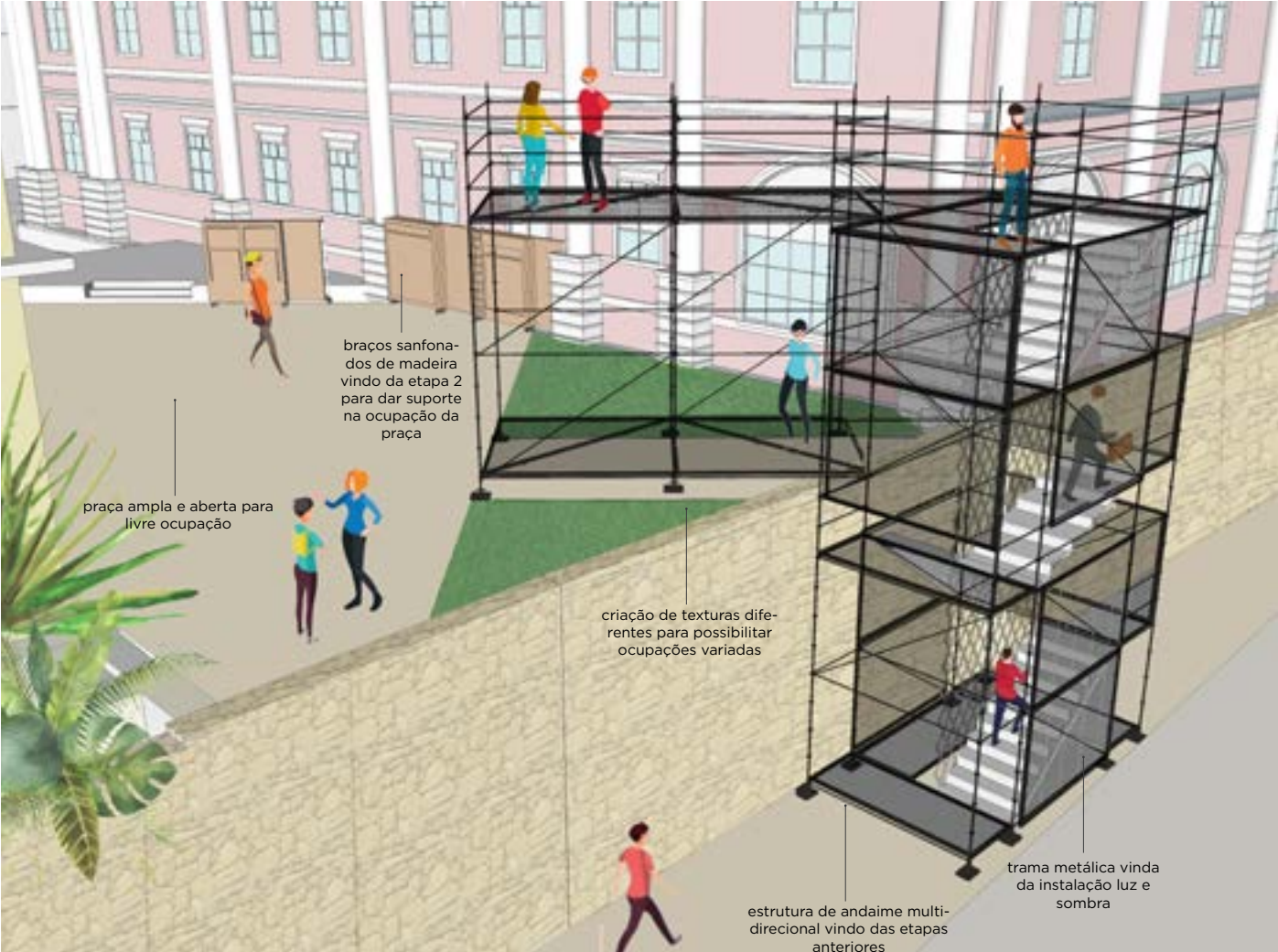
Vista da torre de escada, intervenção de entrada da Rua Nunes Machado para a praça permanente.

INFORMAÇÕES TÉCNICAS - ETAPA 3 - ENTRADA RUA SALDANHA MARINHO



QTDE		QTDE	
4	POSTE VERTICAL DE 2M		
32	TRAVESSA HORIZONTAL DE 3M		
15	TRAVESSA DIAGONAL		
20	SAPATAS AJUSTÁVEIS		
3	PLACA COM TRAMA METÁLICA 6X3 M		
16	PLACA COM TRAMA METÁLICA 2X3 M		
10	TRAVESSA HORIZONTAL DE 2M		

INFORMAÇÕES TÉCNICAS - ETAPA 3 - ENTRADA NUNES MACHADO



QTDE		QTDE	
64	POSTE VERTICAL DE 2M	14	PLACA COM TRAMA METÁLICA 3X2M
11	POSTE VERTICAL DE 1,50 M	10	PLACA COM TRAMA METÁLICA 3X1,10 M
94	TRAVESSA HORIZONTAL DE 3M		
44	TRAVESSA HORIZONTAL DE 1,10M		
24	TRAVESSA DIAGONAL		
25	SAPATAS AJUSTÁVEIS		
2	PLACA COM TRAMA METÁLICA 6X3 M		

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Embora ciente que as intervenções não promovem grandes transformações por si só, acredito que podem ser motivadoras de processos de transformações a médio e longo prazo, pois acontecimentos memoráveis deixam marcas duradoras nos lugares e dão forma aos espaços públicos, transformando aos poucos a cidade, uma vez que intervenções temporárias indicam novas possibilidades ao espaço. Porém, para isso, deve haver uma intenção transformadora por trás da intervenção, havendo uma ruptura evidente no uso cotidiano.

Dentro de uma linha crescente de interferência no uso habitual, as intervenções se encontram entre o uso cotidiano, onde não há uma ruptura no espaço-tempo e, entre os grandes eventos, que são característicos da cidade espetáculo e possuem um corte muito grande no espaço-tempo do lugar. Portanto, as intervenções interferem no tempo e no espaço, mas se apresentam mais como uma brecha, devido as particularidades do local que carregam consigo e também a participação dos habitantes cotidianos. Assim sendo, a presença de algumas características do local associada ao envolvimento da sociedade, permite que a intervenção tenha a cara do lugar e que seja intrínseco a ele.

Além disso, segundo Adriana Sansão Fontes¹⁴, as intervenções com intenção transformadora, possuem oito dimensões chaves, se movendo no campo do transitório, do pequeno, das relações sociais, envolvendo a participação, ação, interação e subversão, sendo motivada ainda, por situações existentes e particulares, em contraposição aos projetos estandardizados, caros e de grande escala. Tais dimensões, podem ser, em sua grande maioria, encontradas em maior e menor intensidades na proposta de todo o trabalho.

Por fim, acredito que a transformação começa a ser concretizada quando se discute e se reflete sobre cidade, o que igualmente foi o objeto desse trabalho, resultando num pensar e fazer diferente.



NOTAS

1. JACQUES, Paola Berenstein. A espetacularização urbana contemporânea. Cadernos PPGAU, “Territórios Urbanos e Políticas Culturais”, Salvador, 2004.
2. GUATARRI, Felix. Caosmose. Um novo paradigma estético. Tradução de Ana Lucia de Oliveira; Lúcia Cláudia Leão. São Paulo: Editora 34, 1992.
3. RIBEIRO, Ana Clara Torres. Homens Lentos, Opacidades e Rugosidades. Redobra, Salvador, ano 3, n. , 2012
4. JACQUES, Paola Berenstein. Corpografias Urbanas. O corpo enquanto resistência. Cadernos PPGAU, “Resistências em Espaços Opacos”, Salvador, 2007./ BRITO, Fabiana Dultra; JACQUES, Paola Berenstein. Cenografias e Corpografias Urbanas. Um diálogo sobre as relações entre corpo e cidade. Cadernos PPGAU, “Paisagens do Corpo”, Salvador, 2008.
5. JACQUES, Paola Berenstein. Elogio Aos Errantes. A arte de se perder na cidade. In Corpos e Cenários Urbanos, EDUFBA, Salvador, 2004.
6. JACQUES, Paola Berenstein. A espetacularização urbana contemporânea. Cadernos PPGAU, “Territórios Urbanos e Políticas Culturais”, Salvador, 2004.
7. AUGÉ, Marc. Dos lugares aos não lugares. In: Não-lugares: introdução a uma antropologia da supermodernidade. Campinas: Papirus, 1994. p. 71-105.
8. JACQUES, Paola Berenstein. A espetacularização urbana contemporânea. Cadernos PPGAU, “Territórios Urbanos e Políticas Culturais”, Salvador, 2004.
9. AUGÉ, Marc. Dos lugares aos não lugares. In: Não-lugares: introdução a uma antropologia da supermodernidade. Campinas: Papirus, 1994. p. 71-105.
10. NORBERG-SCHULZ, Christian. O fenômeno do Lugar. In: NESBITT, Kate (Org.). Uma nova agenda para a arquitetura: antologia teórica (1965-1995) 2d. São Paulo: Cosac Naify, 2008. p. 443-460.
11. RIBEIRO, Ana Clara Torres. Homens Lentos, Opacidades e Rugosidades. Redobra, Salvador, ano 3, n. , 2012
12. RIBEIRO, Ana Clara Torres. Homens Lentos, Opacidades e Rugosidades. Redobra, Salvador, ano 3, n. , 2012
13. Ideia desenvolvida por Adriana Sansão Fontes em sua tese de doutorado, nominada Intervenções temporárias, marcas permanentes: a amabilidade nos espaços coletivos de nossas cidades
14. FONTES, Adriana Sansão. Intervenções temporárias, marcas permanentes: a amabilidade nos espaços coletivos de nossas cidades. Rio de Janeiro: UFRJ/ FAU, 2011.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ARANTES, Otília. O lugar da arquitetura depois do modernos. 3.ed. 1 reimpr. São Paulo : Edusp, 2015.
- AUGÉ, Marc. Dos lugares aos não lugares. In: Não-lugares: introdução a uma antropologia da supermodernidade. Campinas: Papirus, 1994. p. 113-130.
- BRITO, Fabiana Dultra; JACQUES, Paola Berenstein. Cenografias e Corpografias Urbanas. Um diálogo sobre as relações entre corpo e cidade. Cadernos PPGAU, “Paisagens do Corpo”, Salvador, 2008.
- CABRAL, Osvaldo Rodrigues. Nossa Senhora do Desterro: Notícia e Memória. 1979.
- CAMPBEL, Brígida. Arte para uma cidade sensível. São Paulo : Invisíveis Produções, 2015.
- CANTON, Kátia. Temas da arte contemporânea. São Paulo: Martins Fontes 2009 – 2009
- CARCHIA, Gianni. Dicionário de Estética. São Paulo: Edições 70, 2009.
- CARMO, Paulo Sérgio do. Merleau-Ponty: uma Introdução. São Paulo: Educ. 2000
- CARVALHO, Diogo Ribeiro. Espaço e Percepção. Uma abordagem a partir de Merleau- Ponty. Arquitextos, São Paulo, ano 17, n. 198.02 Vitruvius, nov 2016. <2016 . <http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/12.139/4166>>
- CERTEAU, Michel. A invenção do cotidiano. 3d . Petrópolis: Vozes, 1998.
- FONTES, Adriana Sansão. Intervenções temporárias, marcas permanentes: a amabilidade nos espaços coletivos de nossas cidades. Rio de Janeiro: UFRJ/ FAU, 2011.
- GUATARRI, Felix. Caosmose. Um novo paradigma estético. Tradução de Ana Lucia de Oliveira; Lúcia Cláudia Leão. São Paulo: Editora 34, 1992.
- HOLL, Steven. Cuestiones de percepción. Fenomenologia de la arquitectura. Barcelona: Editora Gustavo Gili,SL, 2011.
- JACQUES, Paola Berenstein. A espetacularização urbana contemporânea. Cadernos PPGAU, “Territórios Urbanos e Políticas Culturais”, Salvador, 2004.
- JACQUES, Paola Berenstein. Corpografias Urbanas. O corpo enquanto resistência. Cadernos PPGAU, “Resistências em Espaços Opacos”, Salvador, 2007.
- JACQUES, Paola Berenstein. Elogio Aos Errantes. A arte de se perder na cidade. In Corpos e Cenários Urbanos, EDUFBA, Salvador, 2004.
- JACQUES, Paola Berenstein. Estética da Ginga: a arquitetura das favelas através da obra de Hélio Oiticica. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2001.
- NORBERG-SCHULZ, Christian. O fenômeno do Lugar. In: NESBITT, Kate (Org.). Uma nova agenda para a arquitetura: antologia teórica (1965-1995) 2d. São Paulo: Cosac Naify, 2008. p. 443-460.

PALLASMAA, Juhani. A geometria do Sentimento. In: NESBITT, Kate (Org.). Uma nova agenda para a arquitetura: antologia teórica (1965-1995) 2d. São Paulo: Cosac Naify, 2008. p. 481-490.

PALLASMAA, Juhani. Os olhos da pele – a arquitetura e os sentidos. Porto Alegre: Bookman, 2011.

PEIXOTO, Nelson Brissac. Intervenções urbanas: Arte/Cidade. São Paulo: Editora Senac, 2002)

PESAVENTO, Sandra Jatahy. Com os olhos no passado: a cidade como palimpsesto. Revista Esboços, n 11, UFSC. <file:///C:/Users/nasci/Downloads/000519969.pdf>

RIBEIRO, Ana Clara Torres. Homens Lentos, Opacidades e Rugosidades. Redobra, Salvador, ano 3, n. , 2012 < http://www.redobra.ufba.br/wp-content/uploads/2012/04/redobra9_Homens-Lentos-Opacidades-e-Rugosidades.pdf>

ROSSI, Aldo. A Arquitetura da Cidade. São Paulo: Martins Fontes, 1995.

SANTOS, André Luiz. Do mar ao morro: a geografia histórica da pobreza urbana em Florianópolis, 2009.

SILVA, Adolfo Nicolich da. Ruas de Florianópolis: resenha histórica. Florianópolis: Fundação Franklin Cascaes, 1999. 143p.

SOUZA, Gabriel Girnos Elias de. Territórios Estéticos - a Experiência do Projeto Arte/cidade Em São Paulo (1994-2002). São Paulo: Annablume, 2011.

VAZ, Nelson Popini. Reorganização da area central de Florianopolis: o espaço publico do ritual, 1990

VEIGA, Eliane Veras da. Florianópolis Memória Urbana. 2d. Florianópolis: Fundação Franklin Cascaes, 2010.

- Atmosfera: Clima ou aura do espaço, de uma situação ou circunstância.
- Atores: Agentes da cidade, ou seja, seus habitantes.
- Caráter do espaço: Caracterização do próprio espaço; marca, cunho ou impressão que faz com que um espaço se distingue dos outros.
- Cartografia: Conjunto de estudos, operações científicas, técnicas e artísticas que orienta os trabalhos de elaboração de cartas geográficas.
- Cidade Subjetiva: É uma cidade repleta de espaços estimulantes, que incentiva o viver na rua, o caminhar e a invenção; é feito para e pelas pessoas.
- Consciência: Percepção dos fenômenos próprios da existência; permite ao ser humano vivenciar, experimentar ou compreender aspectos ou a totalidade de seu mundo interior.
- Corpo: Tudo o que tem existência física e se faz uma extensão do espaço. Parte principal e central de certos objetos, e também do ser humano.
- Corpografia: Tipo de cartografia realizada pelo corpo, uma forma de escrita da cidade, onde a memória urbana deixa marcas inscritas no corpo daquele que vive a cidade, do mesmo modo que o corpo humano deixa marcas na cidade.
- Elementos concretos da arquitetura: luz, cores, geometria, texturas, materiais e demais elementos visíveis presentes no espaço.
- Errância: Forma de apropriação e conhecimento do espaço público através do caminhar, do experimentar a cidade.
- Errante: Praticante da errância.
- Escala: Proporção entre medidas
- Espaço: É isotrópico, um grande vazio que ao mesmo tempo preenche tudo e confere qualidade.
- Espaço Identitário: Relativo à identidade; possui um conjunto de características que define e caracteriza o espaço, diferenciando-o dos demais.

- Espaço Luminoso: áreas de grande fluidez, industrialização, dinamicidade e desenvolvimento tecnológico, estão aptos a atrair atividades voltadas ao capital, tecnologia e organização, pois são locais onde a política e técnica obedecem as necessidades das grandes empresas.
- Espaço Opaco: São locais da cidade esquecidos pelo mercado imobiliário, porém sobrevivem, resistem através da sua ocupação viva e inventiva.
- Espaço Rugoso: São áreas históricas que foram continuamente utilizadas no cotidiano da cidade.
- Existencial: Condição de tudo o que existe e possui vida; estado de quem está vivo ou de quem se mantém vivo.
- Experiência: Qualquer conhecimento adquirido de maneira espontânea durante a vida, obtido por meio dos sentidos ou de vivências, que se aprimora com o correr do tempo.
- Experiência Real: É a experiência vivida é a experiência imediata do real; tem o privilégio de objetivar artisticamente a intensa experiência vivida.
- Fenômeno: Acontecimento que pode ser descrito pela observação, o qual foi captado pela sensibilidade ou reconhecido de maneira irrefletida pela consciência imediata.
- Fenomenologia: corrente filosófica que se dedica a descrever os fenômenos em sua natureza aparente, a partir dos sentidos humanos e à consciência imediata.
- Habitar: Relação do homem com o lugar, quando o homem habita, está localizado em um espaço e exposto ao seu caráter, o que lhe confere paz e proteção.
- Identidade: Conjunto de características que distinguem um espaço tornando possível individualizá-lo.
- Intrínseco Que faz parte da essência do espaço; característica que existe por si só e se estabelece fora de qualquer convenção, pois se originou e incide no local em que age.
- Lembrança: Sobrevive como testemunho de um fato passado; está guardado na memória e recorda uma experiência já vivida.

- Lugar: A experiência do corpo no espaço o transforma em lugar, então o lugar é o espaço com significado; decorrente da afetividade, da identificação entre ser e espaço.
- Memória: Consiste em reviver experiências passadas, com maior ou menor grau de consciência, comparadas ao momento presente; é um ato de revivescimento.
- Não-lugar: Áreas de passagem que não promovem uma relação entre ser e espaço; são locais globalizados, universais, homogêneos, como por exemplo, aeroportos, shopping centers, etc.
- Palimpsesto: Escrita sobre outra escrita; sobreposição de camadas que se acumulam no mesmo espaço físico.
- Percepção: A percepção é uma forma de conhecimento sensível sobre um objeto real, o qual é adquirido por meio dos sentidos ou da mente. Portanto, é a impressão ou maneira como se conceitua, vê e qualifica um espaço ou coisa, com base na intuição e sensações.
- Percurso: Distância ou caminho que se pretende percorrer ou que foi percorrida; roteiro.
- Perspectiva Um ponto de vista sobre uma localização em específico. Análise de tudo aquilo que se consegue ver nesse espaço. Possibilita a percepção de espessura e profundidade das figuras.
- Pertencimento: Ser parte de um espaço e nele estar contigo; é habitar um espaço.
- Plasticidade Capacidade de um sujeito para adaptar-se às condições ambientes.
- Sensação: Experiência vivida a qual foi provocada por um estímulo externo ou interno causando uma reação específica que mobiliza afetos e emoções
- Sensibilidade: Capacidade de receber informações sobre as mudanças no meio seja ele interno ou externo ao corpo e de a elas reagir.
- Sensível: Qualidade daquele que sente; que é receptivo a estímulos sensoriais.
- Sentidos: Compreensão dos estímulos que se produz através da visão, da audição, do tacto, do paladar ou do olfato.

- Sentimento: Estado afetivo diferente da emoção, uma vez que é a fonte da emoção. Indica a vertente subjetiva que acompanha cada uma das nossas experiências
- Singularidade: Característica distintiva fundamental; particularidade, peculiaridade.
- Subjetividades: São os elementos imateriais da arquitetura, como a atmosfera, a emoção, a sensação, etc. Além disso, são individuais.
- Vestígios: Aquilo que restou em forma de marca ou sinal de algo ou alguém que tenha passado por determinado espaço

